



# Revista de Espiritualidade

Ano XVII - Nº 68 - Outubro / Dezembro 2009 - Preço - 5,00 € (IVA incluído)

**A «ALAVANCA QUE LEVANTA O MUNDO»**



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

*A «Alavanca que levanta o mundo»* ..... 243

MANUEL FERNANDES DOS REIS

*A oração na exortação apostólica*  
*“Pastores dabo vobis”* ..... 245

BERNARDO DOMINGUES

*Um olhar sobre a carta aos Filipenses* ..... 317

---

NÚMERO 68

Outubro – Dezembro 2009

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

## Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

### Director

P. Alpoim Alves Portugal

### Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Joaquim da Silva Teixeira  
P. Vasco Nuno da Costa

### Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Convento de Avesadas  
Apartado 141  
4634-909 MARCO DE CANAVESES  
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359  
E-Mail: [editorial@carmelo.pt](mailto:editorial@carmelo.pt)

Assinatura Anual (2009) .....	€ 20,00
Europa .....	€ 27,00
Fora da Europa .....	€ 46,00
Número avulso .....	€ 5,00

## A «ALAVANCA QUE LEVANTA O MUNDO»

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Um sábio disse: “Dai-me uma alavanca, um ponto de apoio, e levantarei o mundo”. O que Arquimedes não pôde obter, porque o seu pedido não se dirigia a Deus e por não ser feito senão sob o ponto de vista material, os Santos obtiveram-no em toda a plenitude: o Todo-Poderoso deu-lhes, como ponto de apoio: *Ele mesmo e Ele só*; e, como alavanca: *a oração, que abrasa com fogo de amor*. E foi assim que levantaram o mundo; é assim que os santos que ainda militam na terra o levantam, e que, até ao fim do mundo, os futuros santos o levantarão também<sup>1</sup>.

O Papa, Bento XVI, proclamou o «Ano Sacerdotal», no passado dia 16 de Março de 2009, sob o tema «Fidelidade de Cristo, fidelidade do Sacerdote», para favorecer a tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual e celebrar os 150 anos da morte do Santo Cura D’Ars, Padroeiro dos Sacerdotes. Fê-lo com estas palavras:

«Precisamente em vista de favorecer esta tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual da qual sobretudo depende a eficácia do seu ministério, *decidi proclamar um especial “ano sacerdotal”*, que irá de 19 de Junho próximo ao dia 19 de Junho de 2010. Efectivamente, celebra-se o 150º aniversário da morte do Santo Cura d’Ars, João Maria Vianney, verdadeiro exemplo de Pastor ao serviço da grei de Cristo. Será tarefa da vossa Congregação, em sintonia com os Ordinários diocesanos e com os Superiores dos Institutos religiosos, promover e coordenar as várias iniciativas espirituais e pastorais que parecerem úteis para fazer compreender cada vez mais a importância do papel e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> S. TERESA DO MENINO JESUS, Ms C 36 r-v.

<sup>2</sup> BENTO XVI, *Discurso à Assembleia Plenária da Congregação para o Clero* (16 de Março de 2009).

Também o Cardeal Cláudio Hummes escreveu a 22 de Abril de 2008, uma carta por ocasião da Jornada Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes, celebrada a 30 de Maio, na festa do Sagrado Coração de Jesus, na qual exorta os sacerdotes a dar «prioridade à oração» em relação à «acção apostólica».

É exactamente nesta perspectiva que se insere este número da nossa Revista de Espiritualidade. Não queremos de modo nenhum, deixar para trás, e no esquecimento, toda a riqueza reflexiva e também orante, que foi o Ano Paulino. As conferências pronunciadas na XXVI Semana de Espiritualidade irão sendo publicadas ao longo de 2010, mas agora vimos oportuno apresentar este artigo sobre a Oração no contexto do Ano Sacerdotal. Trata-se, na verdade, da oração dos sacerdotes, mas com a qual também aqueles que não exercem este ministério podem aprender. Porque a oração é válida para todos, homens e mulheres, ministros ordenados ou fiéis cristãos. E aqui trata-se da oração dos sacerdotes e pelos sacerdotes.

Esta é uma reflexão que deveria ser lida evidentemente, e em primeiro lugar, por todos os ministros ordenados da Igreja, mas também por todos os cristãos, e não só apenas os mais comprometidos, para se darem conta e tomarem consciência da necessidade e importância da oração nas suas vidas e na vida de toda a Igreja, e da própria humanidade. Daí que até sugeriria aqui, a quem está a ler estas palavras, que recomendasse este artigo aos seus amigos e conhecidos, que fizesse uma cópia e lha enviasse e servisse de reflexão, até mesmo para uns dias de retiro. Creio que o futuro de todos nós está seguramente dependente da nossa oração ou da falta dela, porque dependente absolutamente da nossa união ou não a Jesus Cristo e que a oração realiza. Pois abandonar a oração é um quebrar das nossas relações inter-pessoais com Ele, com Deus.

A resposta para resolver os casos da necessidade de vocações está na nossa oração a Jesus: «pedi ao Senhor da mesa que mande operários para a sua ceara» (Mt 9, 38). Esta oração unida à intensa vida de caridade dos fiéis é a garantia de que o Senhor não deixará de dar pastores segundo o seu coração (cf Jer 3,15).

Para terminar, não deixamos de lançar um brevíssimo e simples olhar sobre as cartas de S. Paulo, neste caso, a Carta aos Filipenses. Deste modo iremos começar a saborear o que o Apóstolo foi semeando com o seu anúncio e testemunho.

## A ORAÇÃO NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “PASTORES DABO VOBIS”

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«A oração, como bem sabemos, não se pode dar por suposta; é **necessário aprender a rezar**, voltando sempre de novo a conhecer esta arte dos próprios lábios do divino Mestre, como os primeiros discípulos: “**Senhor, ensina-nos a orar**” (*Lc* 11, 1). Na **oração**, desenrola-se aquele **diálogo com Jesus** que faz de nós seus **amigos íntimos**: “Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós” (*Jo* 15, 4). Esta reciprocidade constitui precisamente a substância, a alma da vida cristã, e é condição de toda a vida pastoral autêntica. Obra do Espírito Santo em nós, a oração abre-nos, por Cristo e em Cristo, à contemplação do rosto do Pai. **Aprender esta lógica trinitária da oração cristã**, vivendo-a plenamente sobretudo na liturgia, meta e fonte da vida eclesial, mas também na experiência pessoal, é o segredo dum cristianismo verdadeiramente vital, sem motivos para temer o futuro porque volta continuamente às fontes e aí se regenera»<sup>1</sup>.

Abordamos o tema da oração no contexto da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo vobis* de sua Santidade o Papa João Paulo II. Começamos, a modo de introdução, com uma contextualização da temática da oração dos sacerdotes à luz do Magistério actual da Igreja, reavivado pela proclamação de Bento XVI do «Ano Sacerdotal», dando especial ênfase à doutrina sobre a oração dos sacerdotes, mencionando, excepcionalmente, a oração de petição do dom do celibato sacerdotal. Concentramos a nossa atenção na questão da oração na vida sacerdotal, na perspectiva da missão profética, sacerdotal e régia. Apresentamos a relação entre a oração dos sacerdotes e o seu sentimento de pertença e dedicação à vida da Igreja parti-

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte* (6/01/20001) n. 32.

cular e universal. Reafirmamos o valor da oração como elemento essencial e primário da pastoral das vocações, tão abundantemente realçado pelo magistério da Igreja. Evidenciamos a função da oração em ordem a uma consciencialização do sentido da vocação sacerdotal como serviço de amor a Cristo e à Igreja. Enquadramos a oração no contexto da formação dos candidatos ao sacerdócio, quer na formação espiritual, intelectual e pastoral, quer na comunidade formativa do Seminário Maior. Por fim, a modo de conclusão, evocamos a proximidade da Virgem Sacerdotal na vida e no ministério dos sacerdotes e acabamos em oração a Maria, Mãe dos Sacerdotes.

## 1. A contextualização do tema da oração dos sacerdotes à luz do Magistério actual da Igreja

Realizou-se o IV Simpósio do Clero, em Fátima, de 2 a 6 de Setembro de 2002, sob o tema «A oração na vida e no mistério do sacerdote», promovido pela Comissão Episcopal do Clero para os Seminários e Vocações, cujas Actas foram publicadas pelas Edições Paulinas em 2004.

Na verdade, a recente teologia do sacerdócio, na sequência do magistério e da tradição da Igreja, afirma que a vida e o ministério do sacerdote é, e há-de ser, um homem de oração pessoal, prolongada e constante, na presença de Deus.

«O sacerdote, em virtude da sua missão, encontra-se numa relação especial com aquele que o envia. Por isso o sacerdote, ao ser ordenado, assume a obrigação de rezar a liturgia das horas. Mas aquele que pensar que essa reza já é oração suficiente, está a equivocar-se plenamente. Pois por muito importante que seja a oração do breviário, essa oração “vive” do facto de se levantar sobre a base duma oração *pessoal*. Sem um orar extenso, permanente e pessoal, a oração formulada já previamente congela-se e reduz-se a formas vazias e mortas, que acabamos por “despachar” maquinalmente (ou às que recorreremos “quando temos vontade”). Mais ainda, teremos que perguntar-nos inclusive se alguns sacerdotes não fariam bem de vez em quando em deixar por algum tempo a recitação das horas, para substituí-la por extensos momentos de oração nos quais se ponham realmente na presença de Deus, com uma atitude inteiramente pessoal, perguntem qual é a sua vontade e respondam a essa vontade»<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> GISBERT GRESHAKE, *Ser sacerdote hoy*, 2ª edição, Sígueme, Salamanca, 2006, p. 443.



O dom da vocação sacerdotal – sempre um chamamento de Deus e uma resposta humana – é um milagre da oração da Igreja e da oração, atenta e recolhida, diante do Senhor, do próprio candidato ao sacerdócio, para discernir e responder à Sua vontade.

«Para poder viver a atitude do “escutar” o chamamento de Deus, é de suma importância a prática da denominada “oração da atenção”. (...) No recolhimento interior na presença de Deus, e com a atitude atenta da fé que sabe escutar, esse “isso intemporal” converter-se-á num “tu”. (...) Há que repassar as últimas horas e há que procurar descobrir nelas se detrás dos últimos acontecimentos – em que parte deles, se encontrava e encontra o “tu” de Deus, que nos fala pessoalmente e que espera uma resposta pessoal. (...) Há que ser todo ouvidos para escutar o chamamento da hora, a fim de praticar a missão pastoral a partir duma atitude de união com o Senhor»<sup>3</sup>.

O sacerdote representa a Cristo. Como servo de Cristo, é instrumento do Senhor, o qual, no Espírito Santo, continua a ser o verdadeiro pastor da Sua Igreja.

«Numa atitude semelhante à de João Baptista, o sacerdote deve dizer: “Não sou eu!”. Eu represento unicamente a outro, e ele “é que é”. Ele, Cristo, é o “Senhor” da sua Igreja, não nós. O único que fazemos é emprestar-lhe em certo modo a voz e as mãos, o coração e a atenção, para que ele possa agir por meio de nós. E unicamente ele, só ele, – no poder do Espírito Santo – é capaz de mover os homens para a fé, só ele pode fazer que a sua palavra chegue ao profundo do coração para que frutifique, só ele está em condições de capacitar os homens para se reconciliarem e sair do seu “eu” mesquinho a fim de se unirem na grande *communio* com Deus e de uns com os outros. Numa palavra: absolutamente só Ele é – no Espírito Santo – o genuíno “pastor de almas”»<sup>4</sup>.

O magistério pontifício contribui decisivamente para o desenvolvimento da teologia e da espiritualidade sacerdotal – o que o sacerdote «é» e «faz» enquanto sacerdote – e sempre afirmou que a vida e o ministério do padre se alimenta na oração.

«Os pontífices contribuíram de forma decisiva para desenvolver uma espiritualidade especificamente sacerdotal. Foi também

<sup>3</sup> *IBIDEM*, pp. 401-402.

<sup>4</sup> *IBIDEM*, p. 299.

progressiva a compreensão do lugar, da função e do conteúdo teológico da oração na vida sacerdotal. A oração do sacerdote preocupou de maneira crescente o magistério dos pontífices. Nos seus documentos aparece sempre a mesma convicção: todas as funções sacerdotais encontram na oração o seu alimento e a garantia da sua assimilação espiritual. (...) O sacerdote há-de deixar-se convencer sobre a necessidade de ser homem de oração. A sua há-de ser uma oração amante e viva que faz maravilhas. (...) Os documentos conciliares contemplan o sacerdote como pessoa orante através do ministério que lhes foi confiado. (...) Oram em nome de Cristo, em nome da Igreja e em nome próprio. (...) A Igreja tem na oração do sacerdote o sinal eloquente da sua união com Cristo que está sempre vivo para interceder por nós (Hb 7, 25). (...)»<sup>5</sup>.

O Papa, Bento XVI, proclamou o «Ano Sacerdotal», a 16 de Março de 2009, no encontro com a Assembleia Plenária da Congregação para o Clero, sob o tema «Fidelidade de Cristo, fidelidade do Sacerdote», para favorecer a tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual e celebrar os 150 anos da morte do Santo Cura D' Ars, Padroeiro dos Párocos.

«Precisamente em vista de favorecer esta tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual da qual sobretudo depende a eficácia do seu ministério, *decidi proclamar um especial “ano sacerdotal”*, que irá de 19 de Junho próximo ao dia 19 de Junho de 2010. Efectivamente, celebra-se o 150º aniversário da morte do Santo Cura d' Ars, João Maria Vianney, verdadeiro exemplo de Pastor ao serviço da grei de Cristo. Será tarefa da vossa Congregação, em sintonia com os Ordinários diocesanos e com os Superiores dos Institutos religiosos, promover e coordenar as várias iniciativas espirituais e pastorais que parecerem úteis para fazer compreender cada vez mais a importância do papel e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea»<sup>6</sup>.

O Cardeal Cláudio Hummes, presidente da Congregação para o Clero, escreveu a 22 de Abril de 2008, uma carta por ocasião da Jornada Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes, celebrada a 30 de Maio, na festa do Sagrado Coração de Jesus, na qual exorta os sacerdotes a dar «prioridade à oração» em relação à «acção apostólica».

<sup>5</sup> PERE MONTAGUT PIQUET, *Una mirada agradecida a Juan XXIII, Pablo VI y Juan Pablo II*, in *A oração na vida e o ministério do Sacerdote*, Paulinas, 2004, pp. 243. 244. 246. 247.

<sup>6</sup> BENTO XVI, *Discurso à Assembleia Plenária da Congregação para o Clero* (16 de Março de 2009).

«Gostaria, por ocasião do habitual Dia de Oração pela Santificação dos Sacerdotes, que se celebra na Festa do Santíssimo Coração de Jesus, recordar a **prioridade da oração em relação à acção**, porque dela depende a incisividade da acção. Da *relação pessoal de cada um com o Senhor Jesus*, depende em grande medida a missão da Igreja. Portanto, **a missão deve ser alimentada pela oração**: «Chegou o momento de reafirmar a importância da oração face ao activismo e ao secularismo dominante» (Bento XVI, *Deus caritas est*, 37). (...) Na insuprimível e ardente sede d'Ele, **a dimensão mais autêntica do nosso Sacerdócio é a súplica**, a oração simples e contínua, que se aprende na **oração silenciosa**; ela caracterizou sempre a vida dos Santos e deve ser pedida incessantemente. (...) As particulares condições do ministério, nos devem estimular a «elevar a qualidade» da nossa vida espiritual, testemunhando com mais convicção e eficácia, a nossa pertença exclusiva ao Senhor. (...) A nossa identidade sacerdotal é edificada e renovada dia após dia no **«tempo transcrito» com nosso Senhor**. A relação com Ele, continuamente alimentada na **oração permanente**, tem como consequência imediata a necessidade de tornar partícipes dela quantos nos circundam»<sup>7</sup>.

De igual modo, o mesmo Cardeal Hummes, na Carta para o Ano Sacerdotal de 2009-2010, anunciado pelo Papa Bento XVI, para celebrar o 150º aniversário da morte de S. João Maria Vianey, o Santo Cura D'Arce, afirma que o «ano sacerdotal» «deverá ser um ano positivo e propositivo, em que a Igreja quer dizer antes de tudo aos sacerdotes, mas também a todos os cristãos, à sociedade mundial, através dos meios de comunicação global, que ela se orgulha de seus sacerdotes, os ama, os venera, os admira e reconhece com gratidão seu trabalho pastoral e o seu testemunho de vida. Realmente, os sacerdotes são importantes não só pelo que fazem, mas também pelo que são. (...). Na sua imensa maioria, os sacerdotes são pessoas muito dignas, dedicadas ao ministério, homens de oração e de caridade pastoral, que investem toda a sua vida na realização de sua vocação e missão, muitas vezes com grandes sacrifícios pessoais, mas sempre com amor autêntico a Jesus Cristo, à Igreja e ao povo, solidários com os pobres e os que sofrem. Por isso, a Igreja está orgulhosa de seus sacerdotes em todo o mundo»<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> CARDEAL CLÁUDIO HUMMES, *Carta para a Jornada de Oração pela Santificação dos Sacerdotes* (22 de Abril de 2008).

<sup>8</sup> CARDEAL CLÁUDIO HUMMES, *Carta para o Ano Sacerdotal* (26/05/2009).

Afirma, no decorrer da mesma carta, que o «ano sacerdotal» há-de ser «um ano de oração dos sacerdotes com eles e por eles», especialmente na adoração eucarística para implorar do Senhor a graça da santificação dos sacerdotes, com o apoio da maternidade espiritual da Igreja, especificada na maternidade espiritual das monjas, das religiosas e das leigas.

«O Santo Padre, no seu discurso de anúncio, durante a Assembleia Plenária da Congregação para o Clero, a 16 de Março passado, disse que com este ano especial se pretende “favorecer esta tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual da qual sobretudo depende a eficácia do seu ministério”. Por esta razão, deve ser, de modo muito especial, **um ano de oração dos sacerdotes, com eles e por eles**, um ano de renovação da espiritualidade do presbitério e de cada presbítero. **A adoração eucarística pela santificação dos sacerdotes** e a maternidade espiritual das monjas, de religiosas consagradas e de leigas referente a sacerdotes, como já proposto, tempos atrás, pela Congregação para o Clero, poderiam ser desenvolvidas com frutos reais de santificação»<sup>9</sup>.

Além de ser «um ano de oração dos sacerdotes, com eles e por eles», o «ano sacerdotal» há-de ser, no dizer do Papa, «um ano eucarístico», durante o qual «os sacerdotes possam viver a sua vida como sacrifício de louvor pela salvação do mundo», ser «exemplo da verdadeira devoção à Eucaristia» e da «contemplação e adoração do Senhor Sacramentado».

«Faço um apelo especial a vós, queridos sacerdotes, a quem Cristo escolheu, para que junto dele possam viver a vossa vida como sacrifício de louvor para a salvação do mundo. Só a partir da união com Jesus se pode ter aquela fecundidade espiritual que é fonte de esperança em seu ministério pastoral. (...) Ser Eucaristia! Seja este o nosso desejo e esforço constante, para que *a oferta do corpo e sangue do Senhor que fazemos sobre o altar esteja acompanhada do sacrifício das nossas vidas*. Todos os dias, cultivemos pelo Corpo e Sangue do Senhor aquele amor livre e puro que nos faz dignos ministros de Cristo e testemunhas da sua alegria. É aquilo que os fiéis esperam de um padre: *o exemplo do que é uma verdadeira devoção à Eucaristia; o amor que se vê ao passar longos momentos de silêncio e de adoração diante de Jesus*, como fazia o Santo Cura d’Ars, que será lembrado de modo especial durante o Ano Sacerdotal»<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> *IBIDEM.*

<sup>10</sup> BENTO XVI, *Homilia na Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo* (11/06/2009).

A espiritualidade do sacerdote – a sua «forma de vida» – adquire uma «forma eucarística» precisamente na celebração diária da Eucaristia.

«Se toda a Igreja vive da Eucaristia, a existência sacerdotal deve a título especial tomar “forma eucarística”. Por isso, as palavras da instituição devem ser, para nós, não apenas uma fórmula de consagração, mas uma “fórmula de vida”»<sup>11</sup>.

A Eucaristia, enquanto «oração eucarística», deu evidentemente «forma eucarística» à vida e ao ministério de João Maria Vianney.

«A oração foi a alma da sua vida [*Santo Cura d’Ars*]: uma oração silenciosa, contemplativa, geralmente na igreja, aos pés do sacrário. Por Cristo, a sua alma abria-se às três Pessoas divinas, às quais, no seu testamento, ele entregaria “a sua pobre alma”. “Soube conservar uma união constante com Deus, no meio da sua vida extremamente ocupada”. E nunca descurava o Ofício divino nem o terço. De maneira espontânea, voltava-se amiúde para a Virgem Santíssima»<sup>12</sup>.

A oração do sacerdote, aprendida na «escola de oração» de Jesus, e na seqüela da oração de São João Maria Vianney, é expressão da sua identidade, da sua vocação ao amor e da sua missão pastoral.

«A oração do Getsémani, como e mais ainda do que qualquer outra oração de Jesus, revela a verdade acerca da identidade, da vocação e da missão do Filho de Deus, que veio ao mundo para fazer a vontade paterna de Deus até ao fim, quando Ele dirá que “tudo está consumado!” (Jo 19, 30). Isto é importante para todos aqueles que entram a fazer parte da “escola de oração” de Cristo: é particularmente importante para nós, Sacerdotes»<sup>13</sup>. «Na sua vida heróica, a oração era o meio que lhe facultava permanecer constantemente em Cristo, “vigiar” com Cristo diante da sua “hora”. Esta “hora” não cessa de decidir da salvação eterna de tantos e tantos homens, confiados ao serviço sacerdotal e ao cuidado pastoral de cada Presbítero. Na vida

<sup>11</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 2005*, n. 1.

<sup>12</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986*, n. 11.

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1987*, n. 4. Escreve o Papa: «E meu desejo exprimir, com a presente Carta, alguns pensamentos sobre a importância da oração na nossa vida, sobretudo em relação com a nossa vocação e com a nossa missão» (*IBID.*, n. 1). E prossegue: «Se na nossa meditação da Quinta-Feira Santa deste ano pomos em ligação O Cenáculo com o Getsémani, é para compreender quão profundamente o nosso Sacerdócio deve estar ligado à oração: *radicado na oração*» (*IBID.*, n. 7). «Importa que retornemos constantemente ao Cenáculo e ao Getsémani; importa que reencontremos o próprio centro do nosso Sacerdócio na oração e mediante a oração» (*IBID.*, n. 13).

de São João Maria Vianney, esta “hora” realizou-se particularmente com o seu serviço no confessional»<sup>14</sup>.

O Papa Bento XVI, na sua Carta aos Sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal de 16 de Junho de 2009, reafirma a sua intenção de proclamar oficialmente um «Ano Sacerdotal» em honra do «trânsito» para a glória do Cura D’Ars, Padroeiro dos párocos do mundo

«Na próxima solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, sexta-feira 19 de Junho de 2009 – dia dedicado tradicionalmente à oração pela santificação do clero – tenho em mente proclamar oficialmente um «Ano Sacerdotal» por ocasião do 150.º aniversário do “*dies natalis*” de João Maria Vianney, o Santo Patrono de todos os párocos do mundo. Tal ano, que pretende contribuir para fomentar o empenho de renovação interior de todos os sacerdotes para um seu testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo, terminará na mesma solenidade de 2010»<sup>15</sup>.

Na mesma Carta aos Sacerdotes, o Sumo Pontífice evoca o testemunho da vida de oração do Santo, oração essencialmente contemplativa, na presença do Senhor na Eucaristia, como refere um paroquiano do seu tempo.

«A contemplação é o olhar de fé, fixado em Jesus. “*Eu olho para Ele e Ele olha para mim*” – dizia, no tempo do seu santo Cura, um camponês d’Ars em oração diante do sacrário»<sup>16</sup>.

Como vemos, esta adoração eucarística do Santo tornou-se um exemplo para os seus paroquianos e uma interpelação para os sacerdotes do mundo inteiro. A referência é longa, mas vale a pena transcrevê-la e lê-la na íntegra.

«O Santo Cura ensinava os seus paroquianos sobretudo com o testemunho da vida. Pelo seu exemplo, os fiéis **aprendiam a rezar, detendo-se de bom grado diante do sacrário para uma visita a Jesus Eucaristia**. “Para rezar bem – explicava-lhes o Cura –, não há necessidade de falar muito. Sabe-se que Jesus está ali, no tabernáculo sagrado: abramos-Lhe o nosso coração, alegremo-nos pela sua presença sagrada. Esta é a melhor oração”. E exortava: “Vinde à comunhão, meus irmãos, vinde a Jesus. Vinde viver d’Ele para poderdes viver com Ele”. “É verdade que não sois dignos,

<sup>14</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1987*, n. 9.

<sup>15</sup> BENTO XVI, *Carta aos Sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal (16/06/2009)*.

<sup>16</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 2715.

mas *tendes necessidade!*”. Esta educação dos fiéis *para a presença eucarística e para a comunhão* adquiria uma eficácia muito particular, quando o viam celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Quem ao mesmo assistia afirmava que “não era possível encontrar uma figura que exprimisse melhor a adoração. (...) Contemplava a Hóstia amorosamente”. Dizia ele: “Todas as boas obras reunidas não igualam o valor do sacrifício da Missa, porque aquelas são obra de homens, enquanto a Santa Missa é obra de Deus”. Estava convencido de que todo o fervor da vida de um padre dependia da Missa: “A causa do relaxamento do sacerdote é porque não presta atenção à Missa! Meu Deus, como é de lamentar um padre que celebra [a Missa] como se fizesse um coisa ordinária!”. E, ao celebrar, tinha tomado o costume de oferecer sempre também o sacrifício da sua própria vida: “Como faz bem um padre oferecer-se em sacrifício a Deus todas as manhãs!”<sup>17</sup>.

Na sequência ainda do «Ano Sacerdotal», a Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios realizou em Fátima, de 1-4 de Setembro de 2009, um Simpósio para os padres de Portugal, aberto também à participação dos seminaristas e diáconos, sob o tema «Reaviva o dom que há em ti». Foi certamente um momento forte para os seminaristas, os diáconos e os sacerdotes de Portugal reflectirem sobre o dom da sua vocação sacerdotal e o sentido do seu ministério na Igreja e no mundo.

## 2. A doutrina sobre a oração dos sacerdotes

O Mestre mandou-nos «orar sempre» (Lc 18, 1). A Igreja primitiva apresenta-se como ícone de «comunidade orante»: «E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus» (Act 1, 14). Os fiéis reuniam-se para a oração em comunidade: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações» (Act 2, 42). Os Apóstolos dedicaram-se ao ministério da oração e da palavra: «Quanto a nós, entregar-nos-emos assiduamente à oração e ao serviço da palavra» (Act 6, 4).

O sacerdócio de Cristo é o fundamento do sacerdócio da Igreja (Hb 7, 24). Jesus exerce a sua oração sacerdotal – louva o Pai e intercede

<sup>17</sup> BENTO XVI, *Carta aos Sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal (16/06/2009)*.

pelos homens – por si e por intermédio da oração da Igreja, na Eucaristia e na Liturgia das Horas. «Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade da celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino. Continua esse múnus sacerdotal por intermédio da Igreja, que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação de todo o mundo, não só com a celebração da Eucaristia, mas de vários outros modos, especialmente pela recitação do Ofício divino»<sup>18</sup>.

O nosso Sumo Sacerdote, que intercede por nós junto do Pai (Hb 7, 25), ora também, pelo seu Espírito (Rm 8, 26), na oração sacerdotal da Igreja. Ou seja, o Senhor exerce a sua oração sacerdotal na oração litúrgica da Igreja: «Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no Sacrifício da Missa... nos Sacramentos... na sua Palavra... *Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta*»<sup>19</sup>.

A oração litúrgica, por ser oração sacerdotal de Cristo e oração sacerdotal da Igreja, é a oração por excelência da Igreja. A oração da Igreja é «oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai»<sup>20</sup>.

«Em tão grande obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a liturgia como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio de cada um deles a santificação dos homens; nela o Corpo Místico de Jesus Cristo – Cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral. Por isso, toda a celebração litúrgica por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo, que é a Igreja, é acção sagrada por excelência, a cujo título e grau de eficácia nenhuma outra acção da Igreja se equipara»<sup>21</sup>.

Os sacerdotes exercem o seu sacerdócio ministerial sobretudo no exercício do ministério da oração litúrgica da Igreja.

«A oração sacerdotal de Cristo continuada na oração da Igreja envolve e empenha todos os que constituírem a

<sup>18</sup> CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum concilium*, 83.

<sup>19</sup> *IBIDEM*, n. 7.

<sup>20</sup> *IBIDEM*, n. 84.

<sup>21</sup> *IBIDEM*, n. 7.



comunidade sacerdotal. A oração sacerdotal de Jesus empenha mais profundamente aqueles cristãos que, pela especial vinculação a Cristo sacerdote, através do Sacramento da Ordem, ajudam os irmãos a praticar essa oração. Participando de modo mais íntimo do sacerdócio de Jesus, também mais intimamente hão-de participar da sua função de Orante por excelência. Como Cristo é redentor e mediador, não apenas com o sacrifício, mas também com a oração pelos homens, também eles associados ao seu sacerdócio ministerial, hão-de exercitar a título especial o ministério da oração, sobretudo daquela oração que a Igreja, ligada a Cristo, tem especialmente como sua»<sup>22</sup>.

O Bom Pastor ora sempre ao Pai pelo seu rebanho, para tenha vida em abundância. Os sacerdotes participam da oração sacerdotal de Cristo e da oração sacerdotal da Igreja não só na celebração da Eucaristia, mas também na recitação da Liturgia das Horas. «Os ministros sagrados são deputados pela Igreja para celebrar a Liturgia das Horas, para que esta função de toda a comunidade seja desempenhada ao menos através deles, de uma forma certa e constante, e se continue na Igreja sem interrupção a oração de Cristo»<sup>23</sup>. «O sacerdote, além do Sacrifício Eucarístico, celebra diariamente a Sagrada Liturgia das Horas, que ele livremente assumiu com grave obrigação. Da imolação incruenta de Cristo no altar, à celebração do Ofício divino juntamente com toda a Igreja, o coração do sacerdote intensifica o seu amor ao divino Pastor, tornando-o evidente diante dos fiéis. O sacerdote recebeu o privilégio de “falar a Deus em nome de todos”, de tornar-se “como que a boca de toda a Igreja”; cumpre no ofício divino aquilo que falta ao louvor de Cristo, e, como embaixador credenciado, a sua intercessão é uma das mais eficazes para a salvação do mundo»<sup>24</sup>.

A Igreja, «rebanho do Senhor», é «a um tempo, humana e divina, visível mas ornada de dons invisíveis, operosa na acção e **devotada à contemplação**, presente no mundo e no entanto peregrina, mas de forma tal que nela o que é humano está ordenado ao divino e a ele subordinado; o que é visível, ao invisível; **o âmbito da acção, à contemplação**; o que é presente, à cidade futura, que buscamos»<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> PEDRO R. ROCHA, *A Liturgia das Horas e a Espiritualidade Sacerdotal*, in Comissão Episcopal do Clero, *Espiritualidade Sacerdotal*, 1984, pp. 62-63.

<sup>23</sup> INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS, n. 28.

<sup>24</sup> CONREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, n. 14.

<sup>25</sup> CONC. ECUUM. VAT. II, Const. dogm. sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum concilium*, n. 2.

A oração, a graça de participar da oração sacerdotal de Cristo e da Igreja, não é, para o sacerdote, apenas assunto “sumamente pessoal”, mas um dever para com as pessoas a ele confiadas. Na sua busca de Deus na oração – «não te deixarei partir enquanto não me abençoares» (Gn 32, 27) – torna-se solidário com o “mundo” que o rodeia. É um “homem de Deus” que louva a Deus e invoca a sua bênção sobre os homens. É um pastor que, em nome de Cristo e da Igreja, consagra o seu tempo a louvar o Pai e a interceder pelo bem e santificação dos irmãos. É um sinal de Cristo sacerdote e um membro especial da Igreja em oração.

«Ao celebrar o Ofício divino, aqueles que pela Ordem sagrada recebida estão destinados a ser, de forma particular, o sinal de Cristo Sacerdote, assim como aqueles que, mediante os votos da profissão religiosa, foram consagrados ao serviço de Deus e da Igreja de forma especial, não se sintam obrigados unicamente por uma lei a observar, mas antes pela reconhecida e intrínseca *importância da oração e da sua utilidade ascética e pastoral*. É muito de desejar que a oração pública da Igreja brote de uma renovação espiritual e da comprovada necessidade intrínseca de todo o corpo da Igreja que, à semelhança da sua Cabeça, não pode ser apresentada senão como *Igreja em oração*»<sup>26</sup>.

O sacerdote deve aprender a «rezar» a Liturgia das Horas, no espírito da oração contemplativa, laudativa e suplicante de Cristo, e como expressão da oração sacerdotal da Igreja. O sacerdote é um “delegado permanente encarregado de orar” pela comunidade. «A fé do sacerdote dos nossos dias é a fé do **sacerdote que ora**, quase me atreveria a dizer, do **sacerdote de contemplação mística**, ou não existe tal fé»<sup>27</sup>.

Neste sentido, «um *padre contemplativo* tem um sentimento profundo e penetrante de cumplidade com a Hóstia que está na sua frente, no altar, – a tal ponto que a sua Missa continua nele não só quando está no altar mas quando deste se afasta, e em muitos momentos diferentes, durante o dia»<sup>28</sup>.

**A doutrina sobre a oração dos sacerdotes**, sempre a mesma e, no entanto, sempre nova, precisa de ser **meditada ainda hoje**, com fé e esperança, em vista da nova evangelização, para a qual o Espírito Santo está a chamar todos os fiéis, por intermédio da pessoa e da autoridade do santo Padre.

<sup>26</sup> PAULO VI, Constituição Apostólica *Laudis canticum*, n. 8.

<sup>27</sup> K. RAHNER, *Siervos de Cristo*, Barcelona, 1970, p. 80.

<sup>28</sup> T. MERTON, *Sementes de Contemplação*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1960, p. 142.

«A oração do sacerdote, em virtude da consagração recebida mediante o sacramento da Ordem, caracteriza-se pela sua *dimensão trinitária*, a saber, é uma relação particular e específica com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo. A Trindade constitui a fonte do ser e do agir do sacerdote. Tal relação deve ser necessariamente vivida pelo sacerdote dum maneira íntima e pessoal, em **diálogo de adoração e de amor com as Três Pessoas divinas**, consciente de que o dom recebido lhe foi dado para o serviço de todos. (...) **A comunhão do sacerdote realiza-se antes de tudo com o Pai**, origem última de todo o poder; **com o Filho**, em cuja missão redentora participa; e **com o Espírito Santo**, que lhe dá a força para viver e realizar a caridade pastoral que o qualifica sacerdotalmente. (...) O sacerdote é “consagrado” pelo Pai, “enviado” pelo Filho e “animado” pelo Espírito Santo»<sup>29</sup>.

Este diálogo e comunhão com as Três Pessoas divinas, na contemplação silenciosa, esta participação no colóquio filial que Jesus tem com o Pai, no Espírito, preparam o sacerdote para a missão da nova evangelização.

«A nova evangelização, sendo tarefa de toda a Igreja, é de modo absolutamente insubstituível missão dos sacerdotes. Não perdeu a sua actualidade a exortação que São Gregório Magno dirigia aos sacerdotes: “É preciso que ele [o Pastor] seja puro no pensamento, exemplar na acção, **discreto no seu silêncio**, útil com a sua palavra; seja próximo a todos com a sua compaixão e **seja, mais do que todos, dedicado à contemplação**; seja humilde aliado de quem faz o bem, mas, pelo seu zelo da justiça, seja inflexível contra os vícios dos pecadores; não atenua a cura da vida interior nas ocupações externas, nem se descuide de prover às necessidades exteriores pela solicitude do bem interior”»<sup>30</sup>.

Ao dedicar-se à contemplação, ao enamorar-se de Deus, santifica-se a si mesmo e, como ícone de Cristo sacerdote, prepara-se para evangelizar o mundo contemporâneo.

«Em nossos dias, como em todas as épocas, a Igreja necessita de “arautos do Evangelho peritos em humanidade, que conheçam a fundo o coração do homem de hoje, participe das suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas, e ao mesmo tempo sejam

<sup>29</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*, Editora Rei dos Livros. Lisboa, 1994, n. 3-4. 20. 69, pp. 11-13. 27. 93. Daqui para a frente citaremos «Directório...».

<sup>30</sup> S. GREGÓRIO MAGNO, *A Regra Pastoral*, II, 1.

**contemplativos enamorados de Deus.** Por isto – afirmava o Santo Padre, referindo-se concretamente à recristianização da Europa, com palavras, porém, que têm uma valência universal – **são necessários novos santos. Os grandes evangelizadores da Europa foram os santos. Devemos suplicar ao Senhor que aumente o espírito de santidade da Igreja e nos envie novos santos para evangelizar o mundo de hoje**”. É preciso ter presente que não poucos contemporâneos fazem uma ideia de Cristo e da Igreja antes de tudo a partir dos ministros sagrados; torna-se, portanto, ainda mais urgente o seu testemunho genuinamente evangélico, como “imagem viva e transparente de Cristo sacerdote”<sup>31</sup>.

O homem de Deus e mestre da oração, torna-se, assim, profeta da esperança para todos aqueles que têm fome e sede de Deus e O buscam lá onde ele se manifesta.

«Na nova evangelização, o sacerdote é chamado a ser o *arauto da esperança*. (...) O ministério dos presbíteros deve responder com prontidão e dum modo incisivo à *procura do sagrado e da autêntica espiritualidade* que, hoje dum modo particular, se nota. Com efeito, neste últimos anos, tornou-se evidente que são eminentemente pastorais as motivações que exigem o sacerdote como homem de Deus e **mestre de oração**»<sup>32</sup>.

A teologia dos santos é a “ciência do amor”, o verdadeiro conhecimento de Deus-Amor que não se adquire senão no e pelo amor, segundo a afirmação de S. João: “Aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus, enquanto que aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor” (1 Jo 4, 7-8). O “conhecimento do Amor de Cristo que ultrapassa todo o conhecimento” (Ef 3, 14-19) é a ciência de todos os santos, recebida na oração ardente de amor.

«**Todos os santos o compreenderam** e mais especialmente aqueles que encheram o universo com a iluminação da doutrina evangélica. Não foi acaso na oração que os S. tos Paulo, Agostinho, João da Cruz, Tomás de Aquino, Francisco, Domingos, e tantos outros ilustres Amigos de Deus beberam esta ciência Divina que arrebatava os maiores gênios? Um Sábio disse: “Dai-me uma alavanca,

<sup>31</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero. Mestre da Palavra, Ministro dos Sacramentos, e Guia da Comunidade, em vista do Terceiro Milénio*, I, 2, Paulinas, Lisboa, 1999, pp. 14-15. Daqui em diante citaremos «O Presbítero...».

<sup>32</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, nn. 35. 36.

um ponto de apoio, e levantarei o mundo”. O que Arquimedes não pôde obter, porque o seu pedido não se dirigia a Deus e porque não era feito senão sob o ponto de vista material, alcançaram-no os Santos em toda a plenitude. O Todo-Poderoso deu-lhes como ponto de apoio: *Ele mesmo e Ele só*; e, como alavanca: *a oração que abrasa com fogo de amor*, e foi assim que eles levantaram o mundo, é assim que os Santos ainda militantes o levantam e que, até ao fim do mundo, os futuros Santos o levantarão também»<sup>33</sup>.

Aprendendo, na oração, a «ciência do Amor», a «teologia dos santos», coopera na salvação do mundo, na construção da Igreja, no anúncio do Evangelho.

«A teologia dos santos é uma teologia luminosa e ardente que faz resplandecer a unidade do Mistério na diversidade e no pluralismo das suas expressões... A utilização da teologia dos santos responde hoje a uma necessidade profunda do povo de Deus, dos que são chamados ao estudo mais científico da teologia nas faculdades e nos centros universitários, e os que querem viver e aprofundar a fé: leigos, sacerdotes, consagrados. A teologia dos santos é esta “ciência de amor” que constrói a Igreja, ilumina a inteligência e inflama o coração; é uma “teologia de joelhos” que, **dando um lugar essencial à oração** torna possível uma melhor anúncio do Evangelho. A experiência profunda do amor do Senhor é sempre a fonte de um maior amor pelo próximo»<sup>34</sup>.

Não podemos deixar de lembrar, com João Paulo II, que «a vida sacerdotal é uma vocação *específica* à santidade, fundada no Sacramento da Ordem como sacramento próprio e específico do sacerdote, em virtude de uma nova consagração a Deus pela ordenação»<sup>35</sup>.

### 3. A oração para pedir o dom do celibato

Jesus foi célibe. O celibato de Jesus orientou-se para o anúncio do Evangelho do reino de Deus (Mt 19, 12). O celibato por amor do reino dos Céus tem a sua origem no chamamento divino. É um dom do Pai, exaltado por Jesus (Mt 19, 11). É, no dizer de S. Paulo, um dom especial da graça

<sup>33</sup> S. TERESA DO MENINO JESUS, Ms C 36 r-v.

<sup>34</sup> MGR. CHRISTOPH SCHÖNBORN, Arcebispo de Viena.

<sup>35</sup> JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de Março de 1992), n. 20, Paulistas, Lisboa, 1992, p. 38. Doravante usaremos nas citações deste documento a sigla PDV.

de Deus – «quisera que todos os homens fossem como eu; mas *cada qual recebe de Deus o seu próprio carisma*» (1 Co 7, 7) –, uma vinculação integral com Cristo, uma liberdade para «cuidar das coisas do Senhor e de como agradar ao Senhor» (1 Co 7, 32). É a forma de existência cristã na qual se pode melhor realizar a obediência total ao Kyrios e realizar melhor a liberdade adquirida. O celibato é um «carisma» especial obtido pela oração. «A vida do sacerdote só pode ser entendida e vivida a partir da opção apaixonada por Cristo e pelo ministério»<sup>36</sup>. O celibato, embora de «direito eclesiástico», está profundamente enraizado na Sagrada Escritura, na história da Igreja e na essência do serviço ministerial.

A vontade da Igreja, expressa na lei eclesiástica do celibato, encontra a sua motivação última na *conexão que o celibato tem com a Ordenação sagrada*, a qual configura o sacerdote a Cristo Jesus, Cabeça e Esposo da Igreja. Esta, como Esposa de Cristo, quer ser amada pelo sacerdote de modo total e exclusivo com que Jesus Cristo Cabeça e Esposo a amou. O celibato sacerdotal é, então, o dom de si *em e com* Cristo à Sua Igreja e exprime o serviço do presbítero à Igreja no e com o Senhor. Deixando pai e mãe, segue Jesus Bom Pastor, numa comunhão apostólica ao serviço do Povo de Deus. «O Concílio pede a todos os sacerdotes e a todos os fiéis, que estimem sobremaneira este dom do celibato sacerdotal, e *supliquem a Deus* que o conceda sempre e em abundância à sua Igreja»<sup>37</sup>.

«A opção pelo celibato deve ser animada de magnanimidade e da consciência responsável de que é importante dedicar inteiramente a própria vida a um grande amor, que abraça ao mesmo tempo Deus, Cristo e as almas; da consciência responsável de que, se **o celibato é um precioso dom do Senhor que deve ser pedido com humildade**, é também um dom do homem a Deus. Tal generosidade abrirá o coração do seminarista, de um modo sempre mais intenso, à oração, à adoração e à contemplação d'Aquele que é o fim da própria doação e será fonte de contínua alegria e juventude. O seminário introduzirá portanto os alunos na prática habitual e espontânea do encontro e do diálogo com Deus em Cristo. E isto nos múltiplos modos da oração, da acção litúrgica, da palavra meditada e do estudo sobre a pessoa de Cristo, como centro de toda a reflexão da fê e da teologia. Uma **vida**

<sup>36</sup> SATURNINO GAMARRA, *Manual de espiritualidad sacerdotal*. Burgos, Monte Carmelo, 2008, p. 75 (cf. as belas páginas sobre a oração no sacerdote e do sacerdote, pp. 253-300).

<sup>37</sup> CONC. ECUM. VATICANO II, Decreto sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes *Presbyterorum ordinis*, n.16. Em diante citaremos de forma abreviada «PO».

**centrada em Deus por meio da oração** é um imperativo categórico de toda a vida de consagração. O seminarista e o sacerdote terão portanto em alto grau aquele dom da piedade, que é essencialmente um grande amor a Deus, e permanecerão sempre as testemunhas privilegiadas da beleza e da alegria da relação imediata com o Deus da Revelação. **O celibatário por vocação que abandona a oração**, isto é, que quebra as relações inter-pessoais com Deus, **está à beira da ruína do seu celibato**. Esta relação fundamental com Deus, alimentada nas fontes da própria oração da Igreja e tornada profundamente pessoal, através dos exercícios apropriados, é de capital importância, para que um sacerdote se possa sentir à vontade nas relações da direção espiritual. Sem uma relação com Deus, rica de sadia vida espiritual, o sacerdote não é capaz de ajudar eficazmente os fiéis»<sup>38</sup>.

Neste sentido, na sua oração, o sacerdote deve pedir a Cristo Cabeça e Esposo da Igreja o dom inestimável do celibato, a graça de ser, com Ele e como Ele, Esposo da Igreja Esposa.

«Para viver todas as exigências morais, pastorais e espirituais do celibato sacerdotal, **é absolutamente necessária a oração humilde e confiante**, como adverte o Concílio: “No mundo de hoje, quanto mais a continência perfeita é considerada impossível por tantas pessoas, com tanta maior humildade e perseverança **devem os presbíteros implorar**, juntamente com a Igreja, **a graça da fidelidade** que nunca é negada a quem a requer, recorrendo ao mesmo tempo aos meios sobrenaturais e naturais de que todos dispõem”. Será ainda **a oração**, unida aos Sacramentos da Igreja e ao empenhamento ascético, a **infundir esperança** nas dificuldades, **confiança e coragem** no retomar o caminho»<sup>39</sup>.

Além disso, o sacerdote, consciente da fragilidade do seu coração, há-de pedir confiadamente a graça do celibato ao Imaculado Coração de Maria, especialmente nas horas mais delicadas da sua existência, para que Ela guarde este precioso tesouro no seu coração de Mãe.

«Diante deste modelo – quer dizer, o protótipo que a Igreja encontra em Maria – é necessário que *a nossa eleição sacerdotal do celibato para toda a vida esteja depositada também no seu coração*.

<sup>38</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações educativas sobre o celibato eclesial* (11/4/ 1974), n. 75, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, pp. 111-112.

<sup>39</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 29.

É necessário recorrer a esta Mãe-Virgem quando encontrarmos dificuldades no caminho escolhido. É necessário que, com a ajuda dela, procuremos uma compreensão mais profunda deste caminho, a sua afirmação cada vez mais completa nos nossos corações. É necessário, finalmente, que se desenvolva na nossa vida aquela paternidade “segundo o espírito” que é um dos frutos do “fazer-se eunuco pelo reino de Deus”»<sup>40</sup>.

João Paulo II exortava os sacerdotes a permanecerem fiéis ao dom do celibato e, para os que se encontravam em dificuldades neste campo, pedia a graça do regresso ao primitivo fervor<sup>41</sup>.

A Congregação para o Clero compôs uma oração para implorar a graça e a protecção da castidade dos sacerdotes, dirigida a Jesus, à imaculada Virgem, a São José e às Virgens Santas. É um subsídio valioso para obter de Deus graça tão excelente.

«Senhor Jesus Cristo, esposo da minha alma, deleite do meu coração, ou melhor, meu coração e minha alma, prostro-me diante de Ti de joelhos, rezando-Te e suplicando-Te com todo o meu fervor para que me concedas preservar na fé que me deste de modo solene. Por isso, dulcíssimo Jesus, que eu rejeite toda impiedade, seja sempre contrário aos desejos carnis e às concupiscências terrenas, que atacam a alma e que, *com a Tua ajuda, eu conserve íntegra a castidade*. Oh! Santíssima e imaculada Virgem Maria, Virgem das virgens e Mãe nossa amantíssima, purifica todos os dias o meu coração e a minha alma, pede para mim o temor ao Senhor e pede particularmente pouca confiança nas minhas próprias forças. São José, protector da virgindade de Maria, protege a minha alma de todo pecado. Todas vós, Virgens Santas que seguem, onde quer que seja, o Cordeiro de Deus, sede sempre solícitas em relação a mim, pecador, para que não peque, em pensamentos, palavras e obras e nunca me afaste do castíssimo coração de Jesus. Amém»<sup>42</sup>.

#### 4. A oração na vida sacerdotal

«Que as palavras do livro desta Lei jamais se afastem da tua boca; medita-o constantemente, e observa tudo quanto nele se contém. Assim

<sup>40</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1988*, n. 5.

<sup>41</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1995*, n. 5.

<sup>42</sup> CARDEAL CLÁUDIO HUMMES, *Carta para o Ano Sacerdotal* (26/05/2009).



terás prosperidade em teus caminhos e serás bem sucedido» (Js 1, 8). O sacerdote, qual novo Josué com a Palavra de Deus na boca e no coração, deve «apascentar o rebanho de Deus que lhe foi confiado... como modelo do rebanho» (1 Pe 5, 1-4). O sacerdote é, como reza a liturgia, «o que ama os seus irmãos e ora muito pelo seu povo». Cada sacerdote deveria reflectir muito seriamente sobre como decorre a sua própria oração, sobretudo com os extensos momentos de oração diária, que não têm nada a ver com a vontade que se sente de orar naquele momento.

«E visto que a espiritualidade é a vivência da própria identidade, a espiritualidade do presbítero será a vivência do seu sacerdócio»<sup>43</sup>. Existe um íntimo relacionamento entre a vida espiritual do sacerdote, entre a sua oração e o exercício do seu tríplice ministério: da Palavra, dos Sacramentos e do serviço da Caridade. Os sacerdotes, nascidos da oração de Jesus ao Pai, devem cultivar o primado da vida espiritual «estando com Cristo na oração». Nascido da oração de Cristo, o sacerdote deve «**estar com Cristo na oração**», «tratando de amizade», «muitas vezes» e «a sós»<sup>44</sup>.

Estando com Cristo na oração, o sacerdote torna-se imagem de Cristo orante, ícone da caridade pastoral do Bom Pastor. Consagra o seu coração a Deus e dedica-se ao serviço dos irmãos.

«A vida interior do sacerdote é uma intimidade imolada. (...) Ministério e intimidade não se ignoram mutuamente. A realidade que o rodeia como pastor é a realidade que o faz orante. É ministro de Cristo feito orante pelo ministério e orante à imagem de Cristo feito ministro da oração. (...) A expressão do monte ao combate sugere um movimento constante pelo qual o sacerdote, embora no meio de complexas e arriscadas situações, não deixa de penetrar mais o mistério sacerdotal do qual é portador. Do tu de Deus passa ao tu dos irmãos sempre na gratuidade do amor de Cristo que o leva a sair de si mesmo. (...) Não pode esquecer que ao mesmo tempo que está no combate, no campo de batalha, no exercício do ministério... a parte mais íntima de si mesmo permanece no cimo do monte, no meio da nuvem. (...) O combate da vida espiritual é inseparável do combate da oração. (...) A vida espiritual específica do sacerdote dependerá sempre da consciência ministerial que este possua interiorizada

<sup>43</sup> INDALECIO G. VARELA, *Espiritualidad del sacerdote diocesano*, Edit. de Espiritualidad, Madrid, 1988, p. 21.

<sup>44</sup> S. TERESA DE JESUS, *Livro da Vida* 8, 5.

através da sua oração. O sacerdote buscará a Deus como ministro do amor do Pai, ministro da Redenção do Filho e da sua missão, ministro da inesgotável efusão do Espírito. (...) É uma intimidade imolada que se difunda na Igreja como caridade pastoral»<sup>45</sup>.

A documentação oficial da Igreja sobre o ministério e a vida dos sacerdotes tem chamado a atenção para o primado da vida espiritual e da oração sobre a acção apostólica. O sacerdote, representando o Bom Pastor, na caridade pastoral e na oração com Cristo santifica-se a si mesmo e unifica a sua vida interior com a sua actividade exterior. É o caso do Concílio Vaticano II, no *Decreto sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes*.

«Os sacerdotes alcançarão a unidade da sua vida unindo-se a Cristo no reconhecimento da vontade do Pai e na doação de si mesmos pelo rebanho que lhes foi confiado. Fazendo assim as vezes do Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da *caridade pastoral* o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e de acção. Esta caridade pastoral dimana principalmente do Sacrifício eucarístico que permanece, por isso, o centro e a raiz de toda a vida do Sacerdote, de tal modo que aquilo que opera sobre o altar do sacrifício isso mesmo procura operar em si a alma sacerdotal. Isto, porém, não se pode conseguir sem que **os Sacerdotes penetrem cada vez mais intimamente, por meio da oração, no mistério de Cristo**»<sup>46</sup>.

A oração, enquanto relação interpessoal com Deus, é ainda objecto da normativa da Igreja no *Directório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, que exorta os presbíteros a alcançar uma profunda empatia com o Bom Pastor.

«O sacerdote foi, por assim dizer, “concebido” na longa oração durante a qual o Senhor Jesus pediu ao Pai pelos seus Apóstolos e, por todos aqueles que no decurso dos séculos iriam participar da sua missão (Lc 6, 12; Jo 17, 15-20). A mesma oração de Jesus no Getsémani (Mt 26, 34-44), toda orientada para o sacrifício sacerdotal do Gólgota, manifesta dum modo paradigmático “como **o nosso sacerdócio deve ser profundamente vinculado à oração: enraizado na oração**”. Nascidos destas orações e chamados a renovar um Sacrifício que é inseparável delas, os presbíteros manterão vivo o

<sup>45</sup> PERE MONTAGUT PIQUET, *Del monte al combate: una intimidad imolada, o. c.*, pp. 133-134. 136. 139. 146. 150-151.

<sup>46</sup> CONC. ECU. VAT. II, *PO*, n. 14.

seu ministério mediante uma **vida espiritual**, à qual darão **absoluta preeminência**, evitando esquecê-la por causa das diversas actividades. Precisamente para poder realizar frutuosa e o ministério pastoral, **o sacerdote tem necessidade de entrar numa particular e profunda sintonia com Cristo bom Pastor**, o qual permanece sempre o único protagonista principal de toda a acção pastoral»<sup>47</sup>.

Em comunhão espiritual com Cristo bom Pastor, o sacerdote, tal como Jesus no monte das Oliveiras, há-de colocar a oração como «pedra angular» do edifício da sua vida e serviço a Deus e aos homens.

«A oração do Getsémani é *como que uma pedra angular*, posta por Cristo na base do serviço à causa que “lhe fora confiada pelo Pai” – na base da obra da Redenção do mundo –, mediante o Sacrifício oferecido na Cruz. Participantes do Sacerdócio de Cristo, inseparavelmente conexo com o seu Sacrifício, **devemos também nós assentar na base da nossa existência sacerdotal a pedra angular da oração**. Ela nos permitirá sintonizar a nossa existência com o serviço sacerdotal, conservando intacta *a identidade e a autenticidade* desta vocação, que se tornou a nossa herança especial na Igreja, comunidade do Povo de Deus. A oração do Sacerdote, em particular a oração da Liturgia das Horas e da adoração eucarística, ajudar-nos-á a conservar, antes de mais nada, a consciência profunda de que como “servos de Cristo”, nós somos de modo especial e excepcional “*administradores dos mistérios de Deus*” (1 Co 4, 1). Seja qual for a nossa tarefa concreta, seja qual for o tipo de compromisso com que desempenhamos o ministério pastoral, a oração assegurar-nos-á a consciência daqueles mistérios de Deus de que somos “administradores”. E fará com que ela se exprima em todas as nossas obras»<sup>48</sup>.

Administrador dos dons de Deus, o sacerdote há-de ser transparência de Cristo e tornar presente e visível o seu estilo de vida, o seu amor aos homens.

«O estilo de vida ou espiritualidade do sacerdote é transparência da mesma vida de Cristo Bom Pastor. Os presbíteros são chamados a prolongar a presença de Cristo, único e sumo Pastor, actualizando o Seu estilo de vida e tornando-se como que a Sua transparência no meio do rebanho a eles confiado»<sup>49</sup>. «A vida e o ministério do

<sup>47</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 38.

<sup>48</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1987*, n. 10.

<sup>49</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 15.

sacerdote são a continuação da vida e da acção do próprio Cristo»<sup>50</sup>. «A “vida espiritual” ou “espiritualidade” do sacerdote apresenta-se na exortação apostólica “*Pastores dabo vobis*” a partir do *chamamento universal à santidade* que consiste na *caridade*»<sup>51</sup>. «Espiritualidade» é equivalente a «vida animada e dirigida pelo Espírito para a santidade ou perfeição da caridade»<sup>52</sup>. Para o sacerdote ministro há uma nota específica desta perfeição: «*a caridade pastoral*»<sup>53</sup>.

O sacerdote, como ícone da «caridade pastoral» de Cristo, ora e faz orar a sua Igreja, por Cristo, com Cristo e em Cristo, para honra e glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

«O testemunho orante que o sacerdócio ministerial está chamado a oferecer e que a Igreja espera receber dele fundamenta-se basicamente nas novas possibilidades abertas ao agir “in persona Christi Capitis”. Esta será a sua verdadeira auto-estima: **orar e fazer orar**; ser artesão da oferenda da Igreja no drama da história. (...) Exercendo o ofício de Cristo, reúne a família de Deus e condu-la ao Pai por meio de Cristo no Espírito. (...) O sacerdote cuidará que a oração com a qual se edifica a Igreja chegue à sua ambiciosa meta: que a oração do cosmos unificada por Cristo culmine na Trindade»<sup>54</sup>.

Para tal, há-de praticar a *lectio divina*, a leitura orante da Palavra de Deus, nas suas horas de solidão, para se santificar a si mesmo e encontrar a paz de Deus no seu coração.

«Se desejas encontrar a paz e consolação da tua alma e servir deveras a Deus, não te contentes com isso que deixaste, porque estás talvez tão impedido ou mais que antes naquilo em que de novo andas; mas deixa todas essas outras coisas que te restam e aparta-te a uma só que tudo traz consigo, que é a santa solidão, acompanhada com **oração e santa e divina lição**, e ali persevera em esquecimento de todas as coisas, que, se não te incumbem de obrigação, agradarás mais a Deus sabendo-te guardar e aperfeiçoar a ti mesmo que em granjeá-las todas juntas; porque “que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se deixa perder a sua alma?” (Mt 16, 26)»<sup>55</sup>.

<sup>50</sup> *IBIDEM*, n. 18,

<sup>51</sup> CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen gentium*, 40.

<sup>52</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 19.

<sup>53</sup> J. ESQUERDA BIFET, «Espiritualidad sacerdotal y formación espiritual del sacerdote», em *Os daré pastores según mi corazón*, Edicep, Valencia, 1992, p. 214.

<sup>54</sup> PERE MONTAGUT PIQUET, «Orar desde la Pascua: un cantico nuevo», o. c., pp. 38. 39. 42.

<sup>55</sup> S. JOÃO DA CRUZ, *Ditos de luz e amor*, n. 83.

Ganha a sua alma e fortalece o seu espírito, não tanto escrevendo e falando de Deus, quanto sendo amado e amando o Senhor na «música calada» da sua oração silenciosa.

«O que falta, se algo falta, não é o escrever ou o falar, que isto antes ordinariamente sobra, mas *o calar* e agir. O falar distrai, e o calar e agir recolhe e dá força ao espírito (...) A maior necessidade que temos é de calar, com o espírito e com a língua, diante deste grande Deus; pois *a linguagem que Ele ouve é o silêncio do amor*»<sup>56</sup>.

Ao conhecer a Deus na oração, na oração começa a conhecer-se a si mesmo como «homem de Deus», como ouvinte e pregador da Palavra de Deus.

«A oração constitui um critério importante para que o sacerdote se compreenda a si mesmo. Porque na oração é onde mais intensamente o sacerdote se pergunta de que modo quer ele entender-se a si mesmo; como gestor espiritual ou como “homem de Deus”, como funcionário ou como aquele que realiza o seu trabalho a partir da sua união com Cristo. Sem a oração, o trabalho pastoral torna-se superficial com o tempo e – no melhor dos casos – degenera convertendo-se na actividade própria dum funcionário. Porque aquele que não ora não é capaz já de conhecer o essencial, faz caso omisso do chamamento de Deus, a sua palavra e a sua acção não brotam já do escutar a palavra de Deus». Um bispo disse numa ocasião: “Não me faz falta senão escutar durante dois ou três minutos a pregação dum sacerdote para me dar conta se faz oração”. Não se dará conta disto também a comunidade? Um sacerdote que foge de Deus e que, deste modo, foge de si mesmo e não tem um verdadeiro centro, tão-pouco não será capaz de realizar devidamente o seu serviço pastoral. (...) Se a oração é o primeiro do qual se “prescinde” na jornada diária, então vê-se claramente que não são as numerosas obrigações as que têm a culpa de que deixemos a oração, mas a culpa de tudo tem-na a escala total de valores pela qual se rege a nossa vida»<sup>57</sup>.

#### 4. 1. A oração e a missão profética

O sacerdote, consagrado e enviado para anunciar a todos o Evangelho do Reino, para chamar cada homem à obediência da fé e conduzir os crentes a um conhecimento e comunhão sempre mais profundos do

<sup>56</sup> S. JOÃO DA CRUZ, *Carta* 8.

<sup>57</sup> GIBERT GRESHAKE, *o. c.*, pp. 446. 447.

mistério de Deus, revelado e comunicado a nós em Cristo, deve praticar frequentemente a «lectio divina». Isto, porque «ensinam sempre não a sua própria sabedoria, mas a palavra de Deus»<sup>58</sup>. «Os sacerdotes sejam preparados para o ministério da Palavra, de modo que entendam sempre melhor a Palavra de Deus revelada, a possuam meditando-a, e a manifestem com a língua e os costumes»<sup>59</sup>.

«Ninguém pense que lhe baste a leitura sem a unção, a especulação sem a devoção, a busca sem o assombro, a observação sem a exultação, a *actividade sem a piedade*, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça divina, a investigação sem sabedoria da inspiração divina»<sup>60</sup>.

O sacerdote há-de ser um assíduo leitor, meditador, orante e contemplativo da «Palavra de Deus», sendo o primeiro a «crer» na Palavra, a ser permanentemente «evangelizado», a «servi-1'A» ao Povo de Deus, «não como palavra humana, mas como é, em verdade, como Palavra de Deus» (1 Ts 2, 13), interpretada de acordo com a Tradição e o Magistério da Igreja.

«O sacerdote, enquanto *ministro da Palavra de Deus*, deve ser o primeiro a desenvolver uma *grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus*: não lhe basta conhecer o aspecto linguístico ou exegético, sem dúvida necessário, precisa de se **abeirar da Palavra com o coração dócil e orante**, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade – “o pensamento de Cristo” (1 Co 2, 16) – de modo que as suas palavras, as suas opções e atitudes sejam cada vez mais uma transparência, um anúncio e um testemunho do Evangelho. Só “permanecendo” na Palavra, o presbítero se tornará perfeito discípulo do Senhor, conhecerá a verdade e será realmente livre, superando todo e qualquer condicionalismo adverso ou estranho ao Evangelho»<sup>61</sup>.

Os presbíteros, como mestres da Palavra, não-de tornar-se servos da Palavra. O serviço da Palavra exige a dedicação pessoal do ministro da Palavra pregada, uma dedicação dirigida, em último termo, a Deus mesmo.

<sup>58</sup> CONC. ECUM. VATICANO II, *PO*, n. 4.

<sup>59</sup> CONC. ECUM. VAT. II, Decreto sobre a Formação sacerdotal *Optatam totius*, n. 4. Em diante citaremos de forma breve «OT».

<sup>60</sup> S. BOAVENTURA, *Itenerarium mentis in Deum*, Prol. 4. *Opera Omnia*. T. V. Ad Claras Aquas, 1891, p. 296.

<sup>61</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 26.

«Existe uma **relação essencial entre oração pessoal e pregação. Da meditação da palavra de Deus na oração pessoal** deverá também brotar espontaneamente “o primado ao testemunho de vida, que faz descobrir a potência do amor de Deus e torna persuasiva a sua palavra”. **Fruto também da oração pessoal é uma pregação que se torna incisiva**, não somente em virtude da sua coerência especulativa, mas porque **nascida de um coração sincero e que reza**, consciente de que a tarefa do ministro é “não ensinar a sua sabedoria, mas o Verbo de Deus, e convidar a todos com insistência para a conversão e a santidade”. A pregação dos ministros de Cristo, para ser eficaz, requer, pois, que seja firmemente **fundada sobre o seu espírito de oração filial**: “*sit orator, antequam dictor*”. Na vida pessoal de oração do sacerdote encontram apoio e impulso a consciência da sua condição ministerial, o sentido vocacional da sua vida, a sua fé viva e apostólica. **Nela se obtém também, diariamente, o zelo pela evangelização**. Esta, feita convicção pessoal, traduz-se em pregação persuasiva, coerente e convincente. Neste sentido, a recitação da Liturgia das Horas não diz respeito somente à piedade pessoal nem se esgota como oração pública da Igreja; ela resulta também de grande utilidade pastoral, porque se torna ocasião privilegiada de crescimento na familiaridade com a doutrina bíblica, patrística, teológica e magisterial, primeiro interiorizada e, em seguida, transmitida ao Povo de Deus na pregação»<sup>62</sup>.

O sacerdote, em palavras do Doutor místico, há-de escutar no silêncio do Espírito a única Palavra do Pai: «Uma palavra falou o Pai, que *foi seu Filho*, e esta fala sempre em eterno silêncio, e *no silêncio há-de ser ouvida pela alma*»<sup>63</sup>. Confirma-o o Papa João Paulo II quando refere que o sacerdote há-de contemplar o rosto de Cristo na experiência do silêncio e da oração.

«À plena contemplação do rosto do Senhor, não chegamos pelas nossas simples forças, mas deixando a graça conduzir-nos pela sua mão. *Só a experiência do silêncio e da oração* oferece o ambiente adequado para amadurecer e desenvolver-se um conhecimento mais verdadeiro, aderente e coerente daquele mistério cuja expressão culminante aparece na solene proclamação do evangelista João: “E o Verbo fez-se carne e habitou no meio de nós; e nós vimos a glória

<sup>62</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero...*, II, 1.

<sup>63</sup> S. JOÃO DA CRUZ, *Ditos de luz e amor*, n. 104.

dele, glória que lhe vem do Pai como a Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14)»<sup>64</sup>.

Para tal, prossegue o mesmo Papa, noutro texto e noutro contexto, há-de pôr-se à escuta, no silêncio da oração, a saber, no Espírito, da voz do Pai, o único que conhece o Filho e o único que no-lo dá a conhecer.

«À contemplação do rosto de Cristo só podemos introduzir-nos escutando, no Espírito, a voz do Pai, porque “ninguém conhece o Filho senão o Pai” (Mt 11, 27). Nas proximidades de Cesareia de Filipe, perante a confissão de Pedro, Jesus especificará a fonte de uma tão clara intuição da sua identidade: “Não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o meu Pai que está nos céus” (Mt 16, 17). É, pois, necessária a revelação do alto. Mas, para acolhê-la, é indispensável colocar-se à escuta: “Só a experiência do silêncio e da oração oferece o ambiente adequado para maturar e desenvolver-se um conhecimento mais verdadeiro, aderente e coerente daquele mistério»<sup>65</sup>.

Na experiência do silêncio e da oração há-de contemplar o rosto de Cristo. Maria é a mestra experimentada na contemplação dos rostos do rosto de Cristo, especialmente do seu «rosto eucarístico», a contemplar pelos sacerdotes na Hóstia consagrada.

«Ao insistir nestes anos sobre a contemplação do rosto de Cristo – especialmente nas cartas apostólicas *Novo millennio ineunte* (cf. nn. 23ss.) e *Rosarium Virginis Mariae* (cf. nn. 9ss.) – indiquei Maria como a mestra mais experimentada. Depois, na encíclica sobre a *Eucaristia*, apresentei-a como “Mulher eucarística” (cf. n. 53). Quem pode, melhor do que Maria, fazer-nos saborear a grandeza do mistério eucarístico? Ninguém pode, como Ela, ensinar-nos com quanto fervor devemos celebrar os santos Mistérios e determo-nos em companhia do seu Filho escondido sob as espécies eucarísticas. Por isso, a Ela vos recordo a todos, entrego-Lhe especialmente os mais idosos, os doentes, quantos se encontram em dificuldade. Nesta Páscoa do Ano da Eucaristia, apraz-me fazer ressoar para cada um de vós a doce e reconfortante declaração de Jesus: “Eis a tua Mãe” (Jo 19, 27)»<sup>66</sup>.

<sup>64</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte* (6 de Janeiro de 2001), 20: AAS 93 (2001), 279.

<sup>65</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* (16 de Outubro de 2002), n. 18.

<sup>66</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes na Quinta-Feira Santa de 2005*, n. 8.



## 4.2. A oração e a missão sacerdotal

O sacerdote é ministro dos Sacramentos. É na celebração dos sacramentos que exerce a sua função sacerdotal por meio da oração. Os sacerdotes «exercem o seu ministério sagrado sobretudo no culto eucarístico»<sup>67</sup>. «Os sacerdotes sejam preparados para o ministério do culto e da santificação, para que, orando e desempenhando as sagradas funções litúrgicas, exerçam a obra da salvação pelo Sacrifício Eucarístico e pelos Sacramentos»<sup>68</sup>.

«A dimensão soteriológica do inteiro *múnus pastoral* dos presbíteros encontra o seu centro no memorial da oferta da vida, feita por Jesus, ou seja, no sacrifício eucarístico»<sup>69</sup>.

É sobretudo na *celebração dos Sacramentos* e na Liturgia das Horas que o sacerdote é chamado a viver e a testemunhar a unidade profunda entre o exercício do ministério e a sua vida espiritual: o dom da graça oferecido à Igreja torna-se princípio de santidade e apelo de santificação.

«Também para o sacerdote, **o lugar verdadeiramente central, quer no ministério quer na vida espiritual, é ocupado pela Eucaristia**, pois nela se “encerra todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e Pão vivo que dá aos homens a vida, mediante a Sua carne vivificada pelo Espírito Santo; assim são eles convidados e levados a oferecer, juntamente com Ele, a si mesmos, os seus trabalhos e todas as coisas criadas”»<sup>70</sup>.

A Eucaristia é a oração por excelência de Jesus e da Igreja. Jesus prova a sua amizade aos sacerdotes escolhendo-os para agirem em seu nome e serem sacerdotes da Nova Aliança.

«“Amigos”: assim tratou Jesus os Apóstolos. E do mesmo modo nos quer chamar também a nós que, graças ao sacramento da Ordem, somos participantes do seu Sacerdócio. (...) **Podia Jesus porventura manifestar-nos a sua amizade de modo mais eloquente do que permitindo-nos**, como sacerdotes da Nova Aliança, **agir em seu nome**, *in persona Christi Capitis*? Ora, é o que acontece em todo o nosso serviço sacerdotal, sempre que

<sup>67</sup> CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen gentium*, 28.

<sup>68</sup> CONC. ECUM. VAT. II, *OT*, n. 4.

<sup>69</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero...*, IV, I.

<sup>70</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 26.

administramos os Sacramentos e especialmente quando celebramos a Eucaristia. Repetimos as palavras que Ele pronunciou sobre o pão e o vinho, e, através do nosso ministério, realiza-se a mesma consagração por Ele realizada. Poderá haver um **prova de amizade** mais completa do que esta? E ela encontra-se mesmo no centro do nosso ministério sacerdotal»<sup>71</sup>.

Os sacerdotes gozam da amizade do Senhor na Eucaristia e tornam-se anunciadores do Seu amor aos irmãos. A nova evangelização deve significar para os fiéis uma nova clareza acerca da centralidade do Sacramento da Eucaristia, cume de toda a vida cristã, fonte e ápice de toda evangelização. A oração e a evangelização andam de mãos dadas. A amizade do Senhor na Eucaristia é o centro mesmo do ministério sacerdotal.

«Diante desta extraordinária realidade [do dom do sacerdócio] ficamos atónitos e abismados: como é grande a humildade condescendente com que Deus Se quis ligar ao homem! Se nos detemos comovidos diante do Presépio contemplando a Encarnação do Verbo, como exprimir o que se sente diante do altar onde, através das pobres mãos do sacerdote, Cristo torna presente no tempo o seu Sacrifício? *Só nos resta ajoelhar e em silêncio adorar* este mistério supremo da fé»<sup>72</sup>.

A adoração eucarística deve ter um espaço de honra no edifício da igreja. A capela do Santíssimo Sacramento é o coração dos edifícios sagrados. O sacerdote é o homem da adoração do Senhor na Eucaristia. A oração, como amizade com Cristo, confere ao sacerdote um impulso de renovada evangelização. Se «o sacerdócio é o amor do Coração de Jesus»<sup>73</sup>, a amizade com o Senhor, adquirida na adoração eucarística, é o coração da vida dos sacerdotes.

«Se uma parte essencial da acção evangelizadora da Igreja consiste em **ensinar aos homens a rezar ao Pai por Cristo no Espírito Santo**, a nova evangelização implica o retorno e o fortalecimento de práticas pastorais que manifestem a fé na presença real do Senhor sob as espécies eucarísticas. “O Presbítero tem a missão de promover o **culto da presença eucarística**, também fora da celebração da Missa, esforçando-se por fazer da sua **igreja** uma ‘**casa de oração**’ cristã”. É necessário antes de tudo, que os fiéis conheçam em profundidade as condições imprescindíveis para receber com fruto

<sup>71</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero...*, III, 2.

<sup>72</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 2004*, n. 2.

<sup>73</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1589.

a comunhão. Do mesmo modo, é importante favorecer a devoção deles por Cristo, que os espera amorosamente no **tabernáculo**. (...) **É particularmente importante assegurar um ambiente** recolhido na capela do Santíssimo, tradição plurissecular na Igreja, de maneira a garantir o **silêncio sagrado**, que facilita o **colóquio amoroso com o Senhor**. Essa capela, ou, em todo o caso, o lugar onde se conserva e se adora Cristo Sacramentado, é certamente o **coração dos nossos edifícios sagrados**, e como tal devemos procurar tê-lo em evidência e facilitar o seu acesso diário durante o espaço de tempo o mais largo possível, de adorná-lo na maneira devida, com amor. É evidente que todas estas manifestações – que não pertencem a formas de vago “espiritualismo”, mas revelam uma devoção teologicamente bem fundada – serão possíveis somente se **o sacerdote for realmente um homem de oração e de autêntica paixão pela Eucaristia. Somente o pastor que reza saberá ensinar a rezar**, enquanto saberá também atrair a graça de Deus sobre aqueles que dependem do seu ministério pastoral, de maneira a favorecer conversões, propósitos de vida mais fervorosa, vocações sacerdotais e de consagração especial. Em definitivo, somente **o sacerdote** que experimenta diariamente a “*conversatio in coelis*”, **que faz da amizade com Cristo a vida da sua vida**, estará em condições de imprimir um impulso real a uma autêntica e renovada evangelização»<sup>74</sup>.

O Santo Padre Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, realçou a relação entre a Eucaristia e a espiritualidade sacerdotal, apresentando esta como «intrinsecamente eucarística» e aquela como «promotora da configuração com Cristo».

«A forma eucarística da existência cristã manifesta-se, sem dúvida, de modo particular no estado de vida sacerdotal. *A espiritualidade sacerdotal é intrinsecamente eucarística*; a semente desta espiritualidade encontra-se já nas palavras que o bispo pronuncia na liturgia da ordenação: “Recebe a oferenda do povo santo para a apresentares a Deus. Toma consciência do que virás a fazer; imita o que virás a realizar, e conforma a tua vida com o mistério da cruz do Senhor”. Para conferir à sua existência uma forma eucarística cada vez mais perfeita, o sacerdote deve reservar, já no período de formação e depois nos anos sucessivos, amplo espaço para a vida espiritual. É chamado a ser continuamente um autêntico perscrutador de Deus, embora ao mesmo tempo permaneça

<sup>74</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero...*, III, 2.

solidário com as preocupações dos homens. Uma vida espiritual intensa permitir-lhe-á entrar mais profundamente em comunhão com o Senhor e ajudá-lo-á a deixar-se possuir pelo amor de Deus, tornando-se sua testemunha em todas as circunstâncias mesmo difíceis e obscuras. Para isso, juntamente com os padres do Sínodo, recomendo aos sacerdotes “a celebração diária da Santa Missa, mesmo quando não houver participação de fiéis”. Tal recomendação é ditada, ante de mais, pelo valor objectivamente infinito de cada celebração eucarística; e é motivada ainda pela sua singular eficácia espiritual, porque, se vivida com atenção e fé, a Santa Missa é formadora no sentido mais profundo do termo, enquanto promove a configuração a Cristo e reforça o sacerdote na sua vocação»<sup>75</sup>.

Os sacerdotes são também ministros do Sacramento da Penitência, testemunhas da misericórdia de Deus pelos pecadores, sendo eles os primeiros pecadores a beneficiar da mesma. De facto, o dom da misericórdia de Deus fortalece a vida espiritual e pastoral dos sacerdotes.

«A vida espiritual e pastoral do sacerdote, como a dos seus irmãos leigos e religiosos, depende, na sua qualidade e no seu fervor, da **prática pessoal assídua e conscienciosa do sacramento da Penitência**. A celebração da Eucaristia e o ministério dos outros Sacramentos, o zelo pastoral, o relacionamento com os fiéis, a comunhão com os irmãos no sacerdócio, a colaboração com o Bispo, a vida de oração, numa palavra, toda a existência sacerdotal sofre uma inexorável decadência, caso lhe venha a faltar, por negligência ou por qualquer outro motivo, o **recurso periódico** e inspirado por uma verdadeira fé e devoção **ao Sacramento da Penitência**. Num sacerdote que deixasse de se confessar ou se confessasse mal, o seu ser padre e o exercício do seu sacerdócio bem cedo ressentir-se-iam, e disso se daria conta a própria comunidade da qual ele é pastor»<sup>76</sup>.

Beneficiando da misericórdia do Senhor, no Sacramento da Penitência, tornam-se «pais da misericórdia» de Deus para os seus irmãos, especialmente na confissão.

«Os sacerdotes devem considerar-se como sinais vivos e portadores da misericórdia, que não oferecem como *própria*, e sim como dom *de Deus*. Eles são, antes, os servidores do amor de

<sup>75</sup> BENTO XVI, Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum caritatis* (22 de Fevereiro de 2007), n. 80.

<sup>76</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 26.

Deus pelos homens, ministros da misericórdia»<sup>77</sup>. «O confessor deve **pedir ao Paráclito** a capacidade de preencher este momento salvífico com sentido espiritual e de transformá-lo em um encontro autêntico do pecador com Jesus que perdoa»<sup>78</sup>.

#### 4.3. A oração e a missão régia

Os sacerdotes devem alimentar a sua missão de governo por meio da contemplação da autoridade e do serviço do Senhor Jesus. «Os sacerdotes sejam preparados para o ministério de pastores, de forma que saibam apresentar aos homens Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em redenção por muitos” (Mc 10, 45; Jo 13, 12-17), e para que, tornando-se servos de todos, a muitos salvem (1 Co 9, 19)»<sup>79</sup>.

Os sacerdotes são chamados a reviver a autoridade e o serviço de Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja animando e guiando a comunidade eclesial. No exercício do «munus regendi» «reúnem a família de Deus como fraternidade animada na unidade, conduzindo-a ao Pai por meio de Cristo no Espírito Santo, sobretudo na Eucaristia, mistério pascal do Senhor». «*Rezando* e oferecendo o Sacrifício, como é dever, pelos seus fiéis e por todo o Povo de Deus, tomando consciência daquilo que fazem e imitando aquilo que contactam, em vez de encontrarem obstáculos nos cuidados apostólicos, nos perigos e nos contratempos, sirvam-se deles para subir a maior santidade, *alimentando e fomentando a sua actividade com a abundância de contemplação* para conforto de toda a Igreja de Deus»<sup>80</sup>.

A actividade sacerdotal, alimentada na contemplação, confere-lhes uma vida espiritual intensa e permite-lhes exercer a autoridade e o serviço na comunidade cristã.

«É um ministério que **requer do sacerdote uma vida espiritual intensa**, rica daquelas qualidades e virtudes típicas da pessoa que “preside” e “guia” uma comunidade, do “ancião” no sentido mais nobre e rico do termo: a fidelidade, a coerência, a sapiência, o acolhimento de todos, a afável bondade, a autorizada firmeza quanto às coisas essenciais, a libertação de pontos de vista demasiado subjectivos, o desprendimento pessoal, a paciência, o gosto pela

<sup>77</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero...*, IV, 2.

<sup>78</sup> *IBIDEM*, III, 3.

<sup>79</sup> CONC. ECUM. VAT. II, *OT*, n. 4.

<sup>80</sup> CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 41.

tarefa diária, a confiança no trabalho escondido da graça que se manifesta nos simples e nos pobres»<sup>81</sup>.

Presidindo e guiando as comunidades cristãs, oram no Espírito pela unidade do rebanho que lhes foi confiado.

«É na comunhão do Espírito Santo que o sacerdote encontra a força para guiar a comunidade que lhe foi confiada e para mantê-la na unidade querida pelo Senhor. **A oração do sacerdote no Espírito Santo** pode ser modelada pela oração sacerdotal de Jesus Cristo (Jo 17). **Ele deve rezar**, portanto, **pela unidade dos fiéis** para que sejam uma só coisa, a fim de que o mundo creia que o Pai enviou o Filho para a salvação de todos»<sup>82</sup>.

Hão-de receber sempre do Senhor, na oração, as forças necessárias para «apascentar o rebanho de Deus que lhes foi confiado, velando por ele, não constrangidos mas de boa vontade, segundo Deus, não por ganância mas por dedicação, não como dominadores sobre aqueles que lhes foram confiados mas tornando-se modelos do rebanho» (1 Pe 5, 2-3).

«O sacerdote, que sabe ser ministro de Cristo e da sua Esposa, encontrará na oração, no estudo e na leitura espiritual as forças necessárias para vencer também o perigo do “funcionalismo” pastoral»<sup>83</sup>.

## 5. A oração e a pertença e dedicação à Igreja particular e universal

O sacerdote é um homem de Igreja. A espiritualidade sacerdotal tem uma dimensão eclesial. A integração e dedicação à Igreja particular é um valor espiritual do presbítero. Na pertença e dedicação à Igreja particular encontra uma fonte de significados, de critérios de discernimento e acção, que configuram quer a sua missão pastoral quer a sua vida espiritual<sup>84</sup>. Além disso, o presbítero é consagrado para uma missão universal de salvação, na qual participa, na sua qualidade de sacerdote e de vítima, por meio da liturgia das horas, da oração particular, e da oração eucarística. O sacerdote reza pelos mais afastados, pelos descrentes, pela Igreja e pelo mundo.

<sup>81</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 26.

<sup>82</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 11.

<sup>83</sup> *IBIDEM*, n. 44.

<sup>84</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 31.

«A vida espiritual dos padres deve estar profundamente assinalada pelo anseio e pelo dinamismo missionário. Compete-lhes, no exercício do ministério e no testemunho de vida, plasmar a comunidade a eles confiada como comunidade autenticamente missionária. Como escrevi na *Redemptoris missio*, “todos os sacerdotes devem ter um coração e uma mentalidade missionária, devem estar abertos às necessidades da Igreja e do mundo, atentos aos mais afastados e, sobretudo, aos grupos não cristãos do próprio ambiente. **Na oração e, em particular, no sacrifício eucarístico, sintam a solicitude de toda a Igreja por toda a humanidade**”<sup>85</sup>.

A renovação da efusão do «Espírito de santidade» leva implícita a renovação do «Espírito de oração», porque a santidade tem na oração uma das suas expressões mais características.

*«O Espírito do Senhor é o grande protagonista da nossa vida espiritual, em geral, e da nossa oração, em particular. Ele cria o «coração novo», anima e guia-o com a nova lei»* da caridade, da caridade pastoral. No desenvolvimento da vida espiritual, é fundamental a consciência de que nunca falta ao sacerdote a graça do espírito Santo, como dom totalmente gratuito e tarefa responsabilizadora. A consciência do dom infunde e sustém a inabalável confiança do padre nas dificuldades, nas tentações, nas fraquezas que se encontram no seu caminho espiritual. Proponho a todos os sacerdotes aquilo que já numa outra ocasião disse a muitos deles: “a vocação sacerdotal é essencialmente uma chamada à santidade na forma que nasce do Sacramento da Ordem. A santidade é intimidade com Deus, é imitação de Cristo pobre, casto e humilde; é amor sem reservas às almas e entrega pelo seu próprio bem; é amor à Igreja que é santa e nos quer santos, porque assim é a missão que Cristo lhe confiou. Cada um de vós deve ser santo também para ajudar os irmãos a seguir a sua vocação à santidade. Como não reflectir (...) sobre o papel essencial que o Espírito Santo desempenha na específica chamada à santidade, que é própria do ministério sacerdotal? Recordemos as palavras do rito da ordenação sacerdotal que são consideradas centrais na fórmula sacramental: “Concedei, Pai Onnipotente, a estes Vossos filhos a dignidade do presbiterado. Renovai neles a efusão do Vosso Espírito de santidade; cumpram fielmente, Senhor, o ministério do segundo grau sacerdotal de Vós recebido e com o seu exemplo guiem a todos para

<sup>85</sup> *IBIDEM*, n. 32.

uma íntegra conduta de vida”. Mediante a Ordenação, caríssimos, recebestes o mesmo Espírito de Cristo que vos torna semelhantes a Ele, a fim de que possais agir em Seu nome e viver em vós os Seus próprios sentimentos. Esta **comunhão íntima com o Espírito de Cristo**, enquanto garante a eficácia da ação sacramental que vós realizais “in persona Christi”, **exige também exprimir-se no fervor da oração**, na caridade pastoral de um ministério incansavelmente orientado para a salvação das irmãos: Requer, numa palavra, a vossa santificação pessoal»<sup>86</sup>.

## 6. A oração é um elemento essencial e primário da pastoral das vocações

A pastoral das vocações tem na oração da Igreja um dos seus pilares fundamentais. O «apostolado da oração» dos fiéis é, assim, complementar do «apostolado da palavra» dos sacerdotes.

«Uma vez Jesus dizia aos discípulos mostrando-lhes os campos de trigo maduro: “Levantai os olhos e vede como os campos já estão bem loiros para serem ceifados” (Jo 4, 35) e um pouco mais tarde: “Na verdade a messe é grande mas os operários são poucos; **rogai, pois, ao Senhor da messe que mande operários**” (Mt 9, 37-38) Que mistério!... Não é Jesus onnipotente? Não pertencem as criaturas a quem as fez? Então porque diz Jesus: “Rogai ao Senhor da messe que envie operários”? Porquê?... Ah! é que Jesus tem por nós um amor tão incompreensível que quer que tenhamos parte com Ele na salvação das almas. Não quer fazer nada sem nós. O criador do universo espera a oração de uma alma pobrezinha para salvar as outras almas resgatadas como ela pelo preço de todo o seu sangue. A nossa vocação não é ir ceifar nos campos de trigo maduro. Jesus não nos diz: “*Baixai* os olhos, vede os campos e ide ceifar”. A nossa missão é ainda mais sublime. Eis as palavras de Jesus: “*Levantai* os olhos e vede”. Vede como no meu Céu há lugares vazios, cabe a vós enchê-los, vós sois os meus Moisés a orar no cimo da montanha, pedi-Me operários e enviá-los-ei, só espero uma prece, um suspiro do vosso coração!... O apostolado da oração não é por assim dizer mais elevado do que o da palavra? A nossa missão como Carmelitas é formar operários evangélicos que salvem milhões de almas das quais nós seremos as mães!... Se não fossem as próprias palavras do

<sup>86</sup> *IBIDEM*, n. 33.



nosso Jesus, quem ousaria acreditar nisto?... Penso que a nossa parte é muito bela, que temos nós a invejar aos sacerdotes?...»<sup>87</sup>.

Na verdade, «a **Igreja reza constantemente pelas novas vocações sacerdotais**; alegra-se com o seu aumento, entristece-se pela sua falta onde tal se verifica, assim como se lamenta com a escassa generosidades de muitas pessoas»<sup>88</sup>.

A Igreja, na sua pastoral das vocações, deve incluir a oração e a celebração litúrgica como elementos essenciais e primários da mesma. A oração pelas vocações é um mandamento do Senhor – as vocações são um dom de Deus – e uma profissão de fé por parte da Igreja, que tem urgente necessidade delas para a sua vida e missão.

«A nenhum é lícito mudar o que Cristo quis para a sua Igreja. Ela está indissolivelmente ligada ao seu Fundador e Cabeça, o qual é o *único a dar-lhe*, mediante a potência do Espírito Santo, *ministros para o serviço dos seus fiéis*. Nenhuma comunidade, mesmo em situação de particular necessidade, pode substituir Cristo que chama, consagra e envia, através dos legítimos pastores, concedendo-se o próprio sacerdote, contrariando as disposições da Igreja. A resposta para resolver os casos de necessidade está na oração a Jesus; “*pedi ao Senhor da messe que mande trabalhadores para a sua seara*” (Mt 9, 38). Se a esta oração feita com fé se unir a intensa vida de caridade da comunidade, então estaremos seguros de que o Senhor não deixará de dar pastores segundo o seu coração” (Jr 3, 15)»<sup>89</sup>.

Os sacerdotes são vocações específicas que o Senhor, pelo seu Espírito, deu à Igreja, mediante a sua oração. Hão-de, por sua vez, orar e fomentar a oração pelas vocações sacerdotais.

«Todo o sacerdote reservará um particular cuidado à pastoral vocacional, não deixando de **incentivar a oração pelas vocações**, de prodigalizar-se na catequese, de cuidar da formação dos acólitos, de apoiar iniciativas apropriadas mediante a relação pessoal que faça descobrir os talentos e saiba descobrir a vontade de Deus em ordem a uma escolha corajosa na sequela de Cristo»<sup>90</sup>.

<sup>87</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *Carta* 135.

<sup>88</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1994*, n. 4.

<sup>89</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 18.

<sup>90</sup> *IBIDEM*, n. 32.

A oração pelas vocações deve ser levada a cabo por iniciativas individuais, tal como a do Dia Mundial de Oração pelas Vocações, e, de uma maneira habitual, por toda a comunidade cristã. O ícone do Cenáculo, de Maria e dos Apóstolos, reunidos em oração à espera do Espírito, é a imagem viva de toda a Igreja em constante oração pelas vocações.

«A Igreja, na sua dignidade e responsabilidade de povo sacerdotal, tem na **oração** e na **celebração da liturgia os elementos essenciais e primários da pastoral vocacional**. A **oração cristã**, de facto, nutrindo-se da Palavra de Deus, **cria o espaço ideal** para que cada um possa descobrir a verdade do ser e a identidade do projecto de vida pessoal e irrepetível que o Pai lhe confia. É necessário, portanto, **educar** em particular **as crianças e jovens para que sejam fiéis à oração** e à meditação da Palavra de Deus: no silêncio e na escuta poderão ouvir o chamamento do Senhor ao sacerdócio e segui-1'O com prontidão e generosidade. A Igreja deve acolher cada dia o convite persuasivo e exigente de **Jesus, que pede para “rezar ao Senhor da messe para que mande operários para a Sua messe”** (Mt 9, 38). Obedecendo ao mandamento de Cristo, **a Igreja realiza**, antes de mais nada, uma humilde profissão de fé: **ao rezar pelas vocações**, ao mesmo tempo que toma consciência de toda a sua *urgência* para a própria vida e missão, reconhece que elas são um *dom de Deus* e, como tal, se devem pedir com uma súplica confiante e incessante. Esta **oração, fulcro de toda a pastoral vocacional**, deve todavia **comprometer** não apenas os **indivíduos**, mas também as inteiras **comunidades** eclesiais. Ninguém duvida da importância das **iniciativas individuais de oração**, dos momentos especiais reservados, a começar pelo Dia **Mundial de Oração pelas Vocações**, e do empenhamento específico de pessoas e grupos particularmente sensíveis ao problema das vocações sacerdotais. Mas, hoje mais do que nunca, a expectativa orante de novas vocações deve tornar-se um **hábito constante e largamente partilhado na comunidade cristã** e em toda e qualquer realidade eclesial. Poder-se-ia **reviver a experiência dos Apóstolos no Cenáculo**, unidos com Maria, que **esperam em oração** a efusão do **Espírito** (Act 1, 14), o Qual não deixará mais de suscitar no Povo de Deus dignos ministros do altar, anunciadores fortes e humildes da Palavra que nos salva»<sup>91</sup>.

Por seu lado, «a liturgia, ponto culminante e fonte de toda a vida da Igreja, e em particular da oração cristã, desempenha também um papel

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 38.

indispensável e uma incidência privilegiada na pastoral da vocações». A liturgia, em geral, e a Eucaristia, em particular, são uma «experiência viva» quer da vocação como chamamento do Pai, na Palavra, que é o Filho, na voz e no silêncio do Espírito Santo, quer uma «grande escola» onde, especialmente os jovens, aprendem a responder à vontade de Deus com o «fiat» da sua generosidade humana. A Igreja, povo sacerdotal, a exemplo de Cristo, consagra-se a si mesma pelas vocações, para que os chamados por Deus sejam também consagrados na verdade. O sofrimento, vivido em união com o sacrifício de Cristo e oferecido com intenção vocacional, é de alto valor na pastoral das vocações.

«A **liturgia** constitui, de facto, uma **experiência viva do dom de Deus** e uma **grande escola para a resposta** ao Seu chamamento. Como tal, cada celebração litúrgica, e em primeiro lugar a **Eucaristia, revela-nos o rosto de Deus, faz-nos comungar do mistério da Páscoa**, ou seja, da “hora” para a qual Jesus veio ao mundo e livre e voluntariamente Se encaminhou em obediência ao chamamento do Pai (Jo 13, 1), nos **manifesta a fisionomia da Igreja como povo de sacerdotes** e comunidade bem organizada na variedade e complementaridade dos carismas e das vocações. O **sacrifício redentor de Cristo**, que a Igreja celebra no mistério eucarístico, confere um valor particularmente precioso ao sofrimento vivido em união com o Senhor Jesus. Os Padres sinodais convidaram-nos a não esquecer nunca que “através da oferta dos sofrimentos, tão presentes na vida dos homens, o cristão doente se oferece a si próprio como vítima a Deus à imagem de Cristo, o qual por todos nós Se consagrou a Si mesmo (Jo 17, 19)”, e que “a **oferta dos sofrimentos** segundo tal intenção é uma grande ajuda para a promoção das vocações”»<sup>92</sup>.

O sacerdote há-de preocupar-se com os seus sucessores no ministério: «Quanto de mim ouviste, na presença de muitas testemunhas, transmite-o a pessoas de confiança, que sejam capazes de o ensinar também a outros» (2 Tm 2, 2). Há-de estar atento aos sinais com os quais Deus chama cada dia os jovens ao seu seguimento: «A voz do Senhor, que chama, nunca deve ser de modo nenhum aguardada como se tivesse de chegar aos ouvidos do futuro Sacerdote de um modo extraordinário. Deve, antes, ser entendida e interpretada pelos sinais com que dos prudentes cristãos é diariamente conhecida a vontade de Deus; estes sinais devem ser considerados

<sup>92</sup> JOÃO PAULO II, *PDI*, n. 38.

atentamente pelos sacerdotes<sup>93</sup>. «A preocupação com os seus sucessores no ministério é um assunto que está profundamente associado com a essência do ministério. Porque todo o ministro se encontra na sucessão apostólica e necessita, portanto, um sucessor»<sup>94</sup>. «Cada presbítero se preocupe de suscitar **ao menos uma vocação sacerdotal** que lhe possa continuar o ministério»<sup>95</sup>.

O magistério da Igreja tem vindo a promover uma campanha de oração eucarística pelas vocações sacerdotais e pela santificação dos sacerdotes.

«Queridos irmãos, apresenta-se a urgência de «um **movimento de oração** que ponha no centro a **Adoração Eucarística contínua**, no espaço das vinte e quatro horas, de forma que de todas as partes da terra, se eleve sempre a Deus, uma oração de adoração, de agradecimento, de louvor, de pedido e reparação, *com a finalidade principal de suscitar um número suficiente de santas vocações para o estado sacerdotal* e, ao mesmo tempo, de *acompanhar espiritualmente* – no nível do Corpo Místico –, com uma espécie de *maternidade espiritual quantos já foram chamados ao sacerdócio ministerial* e estão ontologicamente conformados com o único Sumo e Eterno Sacerdote, para que sirvam cada vez melhor a Ele e aos irmãos, como aqueles que, ao mesmo tempo, estão “na” Igreja mas, também “diante” da Igreja (cf. João Paulo II, Pastores dabo vobis, 16) fazendo as vezes de Cristo e, representando-o, como cabeça, pastor e esposo da Igreja» (Carta da Congregação para o Clero, 8 de Dezembro de 2007)»<sup>96</sup>.

O mesmo magistério eclesial aconselha os sacerdotes a pedir a Deus uma alma consagrada que exerça sobre a sua vocação e ministério, pela oração e sacrifício, uma maternidade espiritual, um acompanhamento espiritual.

«Uma ulterior forma de maternidade espiritual, que acompanhou sempre silenciosamente, na história da Igreja, a eleita multidão sacerdotal: trata-se da *entrega concreta do nosso ministério a um rosto determinado, a uma alma consagrada*, que seja chamada por Cristo e, portanto, escolha oferecer-se a si mesma, os sofrimentos

<sup>93</sup> CONC. ECUM. VATICANO II, *PO*, n. 11.

<sup>94</sup> GISBERT GRESHAKE, *o. c.*, p. 467.

<sup>95</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero...*, III, 3.

<sup>96</sup> CARDEAL CLÁUDIO HUMMES, *Carta para a Jornada de Oração pela Santificação dos Sacerdotes* (22 de Abril de 2008).

necessários e as fadigas inevitáveis da vida, para interceder a favor da nossa existência sacerdotal, vivendo deste modo na doce presença de Cristo. Uma tal maternidade, na qual se encarna o rosto amoroso de Maria, deve ser pedida na oração, porque só Deus a pode suscitar e apoiar»<sup>97</sup>.

Santa Teresa do Menino Jesus, consciente da necessidade extrema da oração por todos os sacerdotes, exerceu a sua maternidade espiritual, a exemplo de Maria, salvando, pela oração e sofrimento, sobretudo as almas dos sacerdotes

«Vivamos para as almas, sejamos apóstolas, salvemos sobretudo as almas dos sacerdotes [...]. Rezemos, sofram por eles e, no último dia, Jesus será grato»<sup>98</sup>.

## **7. A oração e o sentido da vocação como serviço de amor**

A Igreja, no exercício da sua missão profética, deve anunciar e testemunhar o mistério e o sentido da vocação sacerdotal, pois a Palavra de Deus ilumina os crentes na avaliação da vida como resposta ao chamamento de Deus e leva-os a acolher na fé o dom da vocação. Os sacerdotes, com a sua presença e palavra, devem propor a vocação ministerial como vocação real para os jovens. A Igreja, no exercício da sua missão régia, guia e ajuda cada fiel para que descubra e viva a sua própria vocação na liberdade e a leva a bom termo na caridade, fazendo da sua própria vida um serviço de amor. O serviço de amor é o sentido fundamental da vocação sacerdotal. O sacerdote é chamado a reviver, na forma mais radical possível, a caridade pastoral de Jesus, o amor do Bom Pastor que «dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo 10, 11). A pastoral vocacional deve incidir, pois, no sentido do compromisso, do serviço, do sacrifício e da doação. A «experiência do voluntariado», «alimentada na oração», tornará o jovem mais sensível à voz de Deus, que pode chamá-lo ao ministério sacerdotal.

«Uma autêntica pastoral vocacional nunca se cansará de educar as crianças, os adolescentes e os jovens para a atracção pelo compromisso, para o sentido do serviço gratuito, para o valor do

<sup>97</sup> *IBIDEM.*

<sup>98</sup> SANTA TERESA DE LISIEUX, *Carta 94.*

sacrifício, para a doação incondicional de si mesmo. Torna-se então particularmente útil a **experiência do voluntariado**, para o qual está a crescer a sensibilidade de tantos jovens: se for um voluntariado evangélicamente motivado, capaz de educar para o discernimento das carências, vivido cada dia com dedicação e fidelidade, aberto à eventualidade de um compromisso definitivo na vida consagrada, **alimentado na oração**, poderá mais seguramente sustentar uma vida de compromisso desinteressado e gratuito, e **tornará quem a ele se dedica mais sensível à voz de Deus que o pode chamar ao sacerdócio**. Com diferença do jovem rico, o empenhado no voluntariado poderia aceitar o convite, cheio de amor, que Jesus lhe dirige (Mc 10, 21); e podê-lo-ia aceitar, porque os seus únicos bens consistem já no doar-se aos outros e no «perder» a sua vida»<sup>99</sup>.

A pastoral vocacional tem como sujeito activo, como protagonista, a comunidade eclesial. Todos os membros da Igreja, sem excepção, – Bispo, sacerdotes, família cristã, escola e leigos – têm a graça e a responsabilidade do cuidado pelas vocações. A família cristã, como igreja doméstica e primeiro seminário, é o espaço privilegiado para o nascimento das vocações sacerdotais.

«Uma responsabilidade particularíssima está confiada à **família cristã** que, em virtude do sacramento do Matrimónio, participa, de modo próprio e original, na missão educativa da Igreja mestra e mãe. Como disseram os Padres sinodais, “a família cristã – que é verdadeiramente ‘como que a igreja doméstica’ (*Lumen Gentium*, 11) – sempre ofereceu e continua a oferecer as **condições favoráveis para o desabrochar das vocações**. Porque a imagem da família cristã se encontra hoje em perigo, deve atribuir-se grande importância à pastoral familiar, de modo que as próprias famílias, ao acolher generosamente o dom da vida humana, sejam ‘como o primeiro seminário’ (*Optatam totius*, 2) onde os filhos possam adquirir desde o início **o sentido da piedade e da oração**, e o amor à Igreja”»<sup>100</sup>.

A pastoral familiar, especialmente por meio da oração familiar, presta um contributo inestimável à pastoral das vocações. A vocação sacerdotal, sendo um problema vital que se coloca no próprio coração da Igreja, deve estar no centro do amor de cada cristão pela Igreja. A família cristã deve exercer, pela oração, uma paternidade, maternidade e

<sup>99</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 40.

<sup>100</sup> *IBIDEM*, n. 41.

fraternidade espiritual, que acompanhe o processo de formação sacerdotal do seu familiar.

«Os **pais cristãos**, como também os **irmãos e irmãs** e outros membros do núcleo familiar, não devem nunca procurar reconduzir o futuro presbítero aos estreitos limites de uma lógica demasiadamente humana, senão mesmo mundana, ainda que sustentada por um sincero afecto (Mc 3, 20-21. 31-35). Animados eles mesmos do propósito de “cumprir a vontade de Deus”, saberão **acompanhar o caminho formativo com a oração**, o respeito, o bom exemplo das virtudes domésticas, e a ajuda espiritual e material, sobretudo nos momentos difíceis. A experiência ensina-nos que, em muitos casos, esta multifacetada ajuda se afigurou decisiva para o candidato ao sacerdócio. Mesmo no caso dos pais e familiares indiferentes ou contrários à opção vocacional, o confronto claro e sereno com as suas posições e os estímulos que daí derivam podem constituir uma preciosa ajuda para que a vocação sacerdotal amadureça de modo consciente e decidido»<sup>101</sup>.

Na oração, o sacerdote «transfigura» o seu coração e torna-se «rosto de Cristo» para os outros. Orando, recebe força para provar o seu amor até ao fim àqueles que o Pai lhe deu para salvar.

«Temos necessidade da oração, de uma oração profunda e, num certo sentido, “orgânica”, para podermos ser um *sinal legível* de Cristo e do seu Evangelho. (...) A exemplo de Jesus, o *Sacerdote*, “administrador dos mistérios de Deus”, é ele próprio *quando ele é “para os outros”*. E a oração dá uma *sensibilidade particular em relação a estes “outros”*, tornando-o atento às suas necessidades, à sua vida e ao seu destino. A oração permite ao sacerdote também reconhecer “aqueles que o Pai lhe deu...”. E tais são, em primeiro lugar, aqueles que, por assim dizer, são postos pelo Bom Pastor no caminho do seu serviço sacerdotal, da sua *responsabilidade pastoral*. (...) Como “ser para” aqueles que o “*Pai nos dá*” confiando-os a nós como um compromisso? A nossa resposta há-de ser sempre uma *prova de amor* – uma prova que devemos aceitar, em primeiro lugar no terreno da oração. (...) Esta prova “custa”. (...) Um empenho assim tem o seu “custo”, a que devemos fazer face com o auxílio da oração. (...) A oração permitir-nos-á, mesmo no meio de muitas contrariedades, dar *aquela prova de amor* que deve oferecer a vida de cada homem e, de modo especial, a vida do Sacerdote. E quando

<sup>101</sup> *IBIDEM*, n. 68.

se nos afigurar que essa prova supera as nossas forças, recordemo-nos daquilo que diz o Evangelista de Jesus no Getsémani: “*Cheio de angústia, pôs-se a orar mais intensamente*” (Lc 22, 44)»<sup>102</sup>.

O dom da vocação sacerdotal é, muitas vezes, fruto da graça de Deus, mediante a maternidade espiritual das mães biológicas que, na oração, alcançam e sustentam a graça da vocação sacerdotal dos filhos.

«*Quantos de nós devem à sua mãe também a própria vocação ao sacerdócio! A experiência ensina que, com muita frequência, a mãe cultiva no próprio coração, durante longos anos, o desejo da vocação sacerdotal do filho e, para a obter, reza com insistente confiança e profunda humildade. Assim sem impor a própria vontade, ela favorece, com típica eficácia da fé, o desabrochar da aspiração ao sacerdócio na alma do filho, aspiração essa que dará fruto no momento oportuno*»<sup>103</sup>.

Não faltam exemplos desta maternidade biológica convertida em maternidade espiritual dos seus próprios filhos. O magistério lembra-nos os casos de Santa Mónica e de Eliza Vaughan. É de recordar também o exemplo admirável dos Beatos Luís Martin e Zélia Guérin que desejaram ter um «filho sacerdote» e o Senhor concedeu-lhes uma filha com «alma sacerdotal», «Padroeira dos missionários».

«Uma tal maternidade, na qual se encarna o rosto amoroso de Maria, deve ser pedida na oração, porque só Deus a pode suscitar e apoiar. Não faltam exemplos admiráveis neste sentido; pensemos nas lágrimas benéficas de Santa Mónica pelo filho Agostinho, pelo qual chorou «mais do que choram as mães pela morte física dos filhos» (Santo Agostinho, Confissões III, 11). Outro fascinante exemplo é o de Eliza Vaughan, a qual deu à luz e confiou ao Senhor treze filhos; dos oito filhos varões, seis foram sacerdotes, e das cinco filhas, quatro foram religiosas. Dado que não é possível ser verdadeiramente mendigos diante de Cristo, maravilhosamente escondido no Mistério Eucarístico, sem saber pedir concretamente a ajuda efectiva e a oração que Ele coloca ao nosso lado, não tenhamos receio de nos confiar às maternidades que, certamente, o Espírito suscita para nós»<sup>104</sup>.

<sup>102</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1987*, nn. 10-12.

<sup>103</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1995*, n. 1.

<sup>104</sup> CARDEAL CLÁUDIO HUMMES, *Carta para a Jornada de Oração pela Santificação dos Sacerdotes* (22 de Abril de 2008).



## 8. A oração na formação dos candidatos ao sacerdócio

Os seminaristas, candidatos ao sacerdócio, hão-de ser formados na «escola do Evangelho», na «escola de Jesus orante», na «escola do seguimento de Cristo», para responderem ao seu amoroso chamamento com a sua resposta amorosa, a sua entrega ao Senhor, o dom da sua própria vida.

«Jesus Cristo chama à *intimidade de vida com Ele* e à partilha da Sua missão de salvação. Os candidatos ao sacerdócio formam-se na escola de Jesus orante. Formar-se para o sacerdócio significa habituar-se a dar uma resposta pessoal à pergunta fundamental de Cristo: “Tu amas-Me?”. A resposta, para o futuro sacerdote, não pode ser senão o dom total da sua própria vida. Viver em seminário, escola do Evangelho, significa viver o seguimento de Cristo como os Apóstolos, deixando-se iniciar por Ele no serviço do Pai – na “Sua silenciosa oração ao Pai” – e dos homens, sob a orientação do Espírito Santo. A Igreja conduz ao sacerdócio só aqueles que foram chamados e adequadamente formados na escola do Evangelho, isto é, no seguimento de Cristo»<sup>105</sup>.

Na oração, os seminaristas entram na intimidade do Senhor – «estão com Ele» no cimo do monte e entram também na intimidade da sua oração ao Pai –, e são por Ele «acompanhados vocacionalmente» durante o seu «tempo» de formação.

«“Subiu ao monte, chamou para junto de Si aqueles que entendeu, e eles foram ter com Ele. Estabeleceu Doze que estivessem com Ele e também para os enviar a pregar e para que tivessem o poder de expulsar demónios” (Mc 3, 13-15). “Que estivessem com Ele”: nestas palavras não é difícil ler o “acompanhamento vocacional” dos Apóstolos por parte de Jesus. Depois de os ter chamado e antes de os enviar, melhor, para os poder enviar a pregar, o Senhor pede-lhes um **«tempo» de formação**, destinado a desenvolver uma **relação de comunhão e de amizade profunda** consigo mesmo. A estes, reserva Ele uma catequese mais aprofundada relativamente à do povo (Mt 13, 11) e quere-os **testemunhas da Sua silenciosa oração ao Pai** (Jo 17, 26; Lc 22, 39-45)»<sup>106</sup>.

<sup>105</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 42.

<sup>106</sup> *IBIDEM*, n. 42.

Os candidatos ao sacerdócio, devidamente formados, hão-de dar uma resposta consciente, livre e amorosa a Jesus Cristo. Além da formação para a maturidade humana e afectiva, para o celibato e para a liberdade, hão-de ser educados, por meio do silêncio orante, na consciência moral. «Todos os seminaristas, durante o tempo do seminário, estão obrigados a buscar a proximidade com Deus, o silêncio interior, o recolhimento e a oração»<sup>107</sup>. Assim, se vão familiarizando com a «voz de Deus» no íntimo dos seus coações.

«O candidato, para poder fielmente satisfazer às suas obrigações para com Deus e a Igreja e para poder sapientemente orientar as consciências dos fiéis, deve ser habituado a **escutar a voz de Deus** que lhe fala no íntimo do coração e a aderir com amor e firmeza à Sua vontade»<sup>108</sup>.

Durante o «tempo» de formação, o Senhor atrai-os ao deserto para lhes ensinar a orar, lhes falar ao coração (Os 2, 16), estabelecer com eles uma nova aliança (Jr 31, 31), dar-lhes um coração novo, infundir neles um espírito novo (Ez 36, 26). Da intensidade dessa oração – dessa nova e sempre renovada história de amor – deriva a intensidade da caridade pastoral.

«Vim ao deserto para orar, para aprender a orar. Foi a grande dádiva que o Saara me fez. Dádiva que desejaria transmitir a todos aqueles a quem amo, dádiva incomensurável, dádiva que resume todas as outras, o “sine qua non” da vida, o tesouro escondido no campo, a pérola preciosa encontrada no mercado. A oração é a síntese das nossas relações com Deus. Podemos afirmar que somos aquilo que oramos. O grau da nossa fé é o grau da nossa oração. A força da nossa esperança é a força da nossa oração. O calor da nossa caridade é o calor da nossa oração. (E poderíamos acrescentar: **a vitalidade da nossa acção pastoral ou do nosso ministério sacerdotal, é a vitalidade da nossa oração**). Nem mais nem menos. Nossa oração teve princípio porque nós tivemos princípio; mas não terá fim, acompanhar-nos-á eternamente e será a respiração da nossa contemplação extática em Deus, e o canto da nossa felicidade eterna, (Quando formos “saciados na fonte das delícias de Deus” (Sl 35). A história da nossa vida terreno-celeste será a história da nossa oração. É portanto, e antes de mais nada, uma história pessoal»<sup>109</sup>.

<sup>107</sup> GIBERT GRESHAKE, *o. c.*, p. 446.

<sup>108</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 44.

<sup>109</sup> CARLOS CARRETO, *Cartas do Deserto*, Edições Paulinas, S. Paulo 1976, p. 40.

Na oração, Jesus e a Igreja, iniciam os seminaristas no mistério da oração cristã para fazer deles sacerdotes orantes e mestres de oração.

«A vida do padre é oração e, por isso, a vida do seminarista tem de ser iniciação, crescimento, formação para a oração. O sucesso ou insucesso de um Seminário pode aferir-se pelo que propõe em ordem a esta finalidade e pelos resultados que consegue neste campo. O “produto acabado” de um Seminário há-de ser o **homem orante**, com tudo aquilo que esta expressão possa implicar»<sup>110</sup>.

### 8. 1. A oração na formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio

A formação espiritual prepara o candidato ao sacerdócio para «uma *vida espiritual*, entendida como *relação e comunicação com Deus*. (...) como obra do Espírito que compromete a pessoa na sua totalidade, como introdução na comunhão profunda com Jesus Cristo, Bom Pastor, como uma submissão de toda a vida ao Espírito numa atitude filial para com o Pai, e numa ligação fiel à Igreja, que radica na experiência da cruz para poder introduzir, em profunda comunhão, na totalidade do mistério pascal». A vida espiritual é essencial à vida e ao ministério sacerdotal. «A formação espiritual é o elemento de maior importância na formação sacerdotal. Para cada sacerdote, a formação espiritual constitui o coração que unifica e vivifica o seu “ser padre” e o seu “agir de padre”»<sup>111</sup>. «A formação espiritual ocupa, no conjunto de toda a formação sacerdotal, o primeiro lugar. Ela unifica e conduz à sua exacta dimensão todos os outros aspectos... O futuro da Igreja decide-se, no momento actual, principalmente na formação espiritual dos futuros sacerdotes»<sup>112</sup>.

«Todos hoje estão de acordo em reconhecer, um pouco em toda a Igreja, e mesmo fora da Igreja, um verdadeiro “**convite à oração**”.

<sup>110</sup> VIRGÍLIO DO NASCIMENTO ANTUNES, *O Seminário, escola de oração*, in *A oração na vida e no ministério do sacerdote*, Paulinas, 2004, pp. 234-235.

<sup>111</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 45.

<sup>112</sup> NORMAS FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO SACERDOTAL, n. 66. «Está a compreender-se cada vez melhor que o centro absoluto da formação sacerdotal nos Seminários tem de ser sempre a formação espiritual, que se manifesta, exprime e vive através da vida de oração individual e comunitária, privada e litúrgica, em Igreja. (...) Se quisermos definir em poucas palavras o que é o Seminário, indo ao essencial, temos de dizer que é “escola de oração”» (VIRGÍLIO DO NASCIMENTO ANTUNES, *O Seminário... o. c.*, pp. 233-234). Para as «formas de expressão» da oração no «ritmo diário», «semanal», «mensal» e «anual» do projecto educativo no Seminário de Évora (Cf. Luís Rubio Morán, *La formación espiritual centro vital unificador de la formación sacerdotal (PDV 45)*. *Un proyecto de formación espiritual en la etapa de estudios eclesíasticos*, in *Seminários*, n. 189-190 Julio-Diciembre, 2008, pp. 70-71).

Não se encontram os “Centros” onde se vai procurar uma iniciação na oração, onde as pessoas se encontram para este fim, onde se pensa encontrar um “mestre de oração”. (...) É necessário que os sacerdotes sejam verdadeiros “mestres de oração”, seguros da tradição, vivendo pessoalmente uma experiência profunda, fervorosa, capazes de serem sábios e prudentes “directores de almas”, na linha dos grandes modelos e no sentido dos apelos precisos do nosso tempo. Não se trata de apreciar e julgar os movimentos muitas vezes ambíguos na sua origem, mas sim de colocar os sacerdotes em condições de responder, efectivamente ao convite que Deus dirige aos seus chamados, para que **possam ser mestres de oração**»<sup>113</sup>.

No caminho espiritual dos candidatos ao sacerdócio impõe-se o valor e a exigência de «viver intimamente unidos» a Jesus Cristo e n’Ele a «íntima comunhão com a Santíssima Trindade». No processo da sua formação espiritual hão-de adquirir uma consciência profunda e uma experiência crescente do «mistério» de Cristo (Jo 15, 1. 45) e da «novidade» da vida cristã (1 Jo 1, 1-4), a vida nova da graça, própria dos filhos de Deus (Jo 1, 12).

«Deus invisível (Cl 1, 15; 1 Tm 1, 7), no Seu imenso amor fala aos homens como a amigos (Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e convive com eles (Br 3, 38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele»<sup>114</sup>. Os candidatos ao sacerdócio hão-de ser formados espiritualmente para a «íntima comunhão com Jesus», sob a forma da «*amizade*»: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamo-vos *amigos*, porque tudo o que ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer” (Jo 15, 15). «Não é outra coisa oração mental a meu parecer, senão **tratar de amizade**, estando muitas vezes tratando a sós **com quem sabemos nos ama**»<sup>115</sup>. Numa palavra, os candidatos ao sacerdócio hão-de ser, como diria santa Teresa de Jesus «amigos fortes de Deus»<sup>116</sup>.

<sup>113</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta circular sobre alguns aspectos mais urgentes da formação espiritual nos Seminários (6/1/1980)*, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, pp. 232-233. O documento fala também de «Cristo Palavra de Deus», a ser escutado no «silêncio interior», pela «arte da oração», pela leitura dos «mestres espirituais», e do dever de «ensinar a orar» em comum ou pessoalmente, por meio da «oração da Igreja», que exige o «silêncio exterior» no Seminário que quer preparar mestres experimentados na oração (*IBIDEM*, pp. 236-239).

<sup>114</sup> CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. sobre a divina revelação *Dei Verbum*, n. 2.

<sup>115</sup> S. TERESA DE JESUS, *Livro da Vida*, 8, 5.

<sup>116</sup> *IBIDEM*, 15, 5.

A vida espiritual de quem se prepara para o sacerdócio deve consistir na «procura de Jesus», no «encontro» com o Mestre, para O seguir e permanecer em comunhão de amor com Ele: «ficar com Ele» (Jo 1, 37-39). Cristo é o ideal do seminarista. Há-de encontrar a razão de viver, a luz e a força para «ajudar» a Cristo<sup>117</sup>.

«O olhar [do Bom Pastor] fixou-se em cada um, **olhar amoroso** como aquele que se deteve em Simão e André, em Tiago e João, em Natanael quando estava debaixo da figueira, em Mateus sentado ao telónio. Jesus chamou-nos a nós e, por diversos caminhos, continua a chamar muitos outros para serem seus ministros»<sup>118</sup>.

Para amadurecer a resposta a este chamamento do Senhor, a Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, vem recomendando um «tempo propedêutico», normalmente um ano, de espiritualidade e oração: «Para que a formação espiritual se apoie em razões sólidas e os alunos abracem a vocação por uma opção maduramente deliberada, caberá aos bispos estabelecer um **intervalo de tempo** para um mais intenso tirocínio espiritual»<sup>119</sup>.

«A formação espiritual (...) seja ministrada de tal modo que os alunos aprendam a **viver em íntima comunhão e familiaridade com o Pai por meio do Seu Filho Jesus Cristo no Espírito Santo**. Destinados a configurar-se a Cristo Sacerdote por meio da ordenação, habituem-se também a **viver intimamente unidos a Ele, como amigos**, em toda a sua vida. Vivam o mistério pascal de Cristo, de modo a saberem um dia iniciar nele o povo que lhes será confiado. Sejam **ensinados a procurar a Cristo por meio da fiel meditação da Palavra de Deus**; pela **participação activa** nos mistérios sacrossantos da Igreja, sobretudo **na Eucaristia**, e **na Liturgia das Horas**; por meio do Bispo que os envia e dos homens a quem são enviados, especialmente os **pobres**, simples, doentes, pecadores e descrentes. Com confiança filial, **amem e venerem a**

<sup>117</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta circular sobre alguns aspectos mais urgentes da formação espiritual nos Seminários (6/1/1980)*, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, pp. 234-235.

<sup>118</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião de Quinta-Feira Santa de 2004*, n. 5.

<sup>119</sup> CONC. ECUM. VAT. II, *OT*, n. 12. «Em comunhão com os Padres Sinodais, peço que haja um *período adequado de formação espiritual* que preceda a formação do Seminário» (JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 62). «É considerado, hoje, quase em toda a parte, de verdadeira utilidade e, em vários casos, como *conditio sine qua non* para o melhoramento da formação sacerdotal» (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *O Período Propedêutico – Documento Informativo*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano, 1998, 36).

**Santíssima Virgem Maria** que foi entregue por Jesus moribundo na cruz, como Mãe, ao Seu discípulo»<sup>120</sup>.

O sacerdote há-de despertar nos outros o desejo de procurar e encontrar o Mestre, e propor-lhes uma «experiência» de vida e comunhão de amizade com Jesus. Foi este o caminho seguido por André para conduzir o irmão, Simão, a Jesus: André, escreve o evangelista João, «encontrou em primeiro lugar Simão, seu irmão, e disse-lhe: Encontramos o Messias (que significa Cristo); e conduziu-o a Jesus» (Jo 1, 41-42). E assim também Simão será chamado como Apóstolo, para o seguimento do Messias; «Jesus, fitando nele o olhar, disse: “Tu és Simão, filho de João; chamar-te-ás Cefas (que quer dizer Pedro)”» (Jo 1, 42).

Como vimos, *a leitura meditada e orante da Palavra de Deus (lectio divina)*, a escuta humilde e cheia de amor d’Aquele que fala, é elemento essencial da formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio. «O conhecimento amoroso e a *familiaridade orante* com a Palavra de Deus revestem um significado específico no ministério profético do sacerdote, para cujo adequado desenvolvimento se tornam uma condição imprescindível, sobretudo no contexto da “nova evangelização”, à qual a Igreja é hoje chamada». A formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio, além de formar «leitores que meditam a Palavra de Deus», praticantes da *lectio divina*, há-de formar os futuros «educadores para a oração» no «sentido autêntico da oração cristã». A verdadeira «teologia da oração» há-de apresentá-la como a «primeira e fundamental resposta à Palavra de Deus». A autêntica «pedagogia da oração» há-de educar para a «escuta e resposta à Palavra de Deus» num clima espiritual de «silêncio eloquente», ou, como cantava o místico poeta São João da Cruz, de «música calada e solidão sonora»<sup>121</sup>, ou, como escrevia o mesmo contemplativo, de «calado amor»<sup>122</sup>.

«A primeira e fundamental forma de resposta à Palavra é a **oração**, que representa, sem qualquer sombra de dúvida, um valor e uma exigência primária na formação espiritual. Esta deve levar os candidatos ao sacerdócio a conhecerem e experimentarem o **sentido autêntico da oração cristã**, isto é, o de ser **um encontro**

<sup>120</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 45 (cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* (1985), n. 54, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, pp. 298-299).

<sup>121</sup> S. JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual* 14-15, 25-27.

<sup>122</sup> *IBIDEM.*, Carta 8.

**vivo e pessoal com o Pai pelo Filho unigénito e sob a acção do Espírito Santo, um diálogo** que se faz participação do colóquio filial que Jesus tem com o Pai. Um aspecto não por certo secundário da missão do padre é o de ser «educador para a oração». Mas só se ele foi formado e continua a formar-se na **escola de Jesus orante** é que poderá formar os outros na mesma escola. Isto mesmo lhe pedem os homens: «O sacerdote é *o homem de Deus*, aquele que pertence a Deus e faz pensar em Deus, quando a *Carta aos Hebreus* fala de Cristo, apresenta-O como “sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas que dizem respeito a Deus” (Hb 2, 17). (...) Os cristãos esperam encontrar no sacerdote não só um homem que os acolhe, que os escuta com todo o gosto e lhes testemunha uma sincera simpatia, mas também e sobretudo um homem que os *ajuda a ver a Deus*, a subir em direcção a Ele. É necessário, portanto, que o sacerdote seja formado para uma **profunda intimidade com Deus**. Aqueles que se preparam para o sacerdócio devem compreender que todo o valor da sua vida sacerdotal dependerá do dom que souberem fazer de si mesmos a Cristo e, por meio de Cristo, ao Pai. Num contexto de agitação e ruído como o da nossa sociedade, uma necessária **pedagogia para a oração** é a **educação** para o sentido profundamente humano e **para o valor religioso do silêncio**, qual atmosfera espiritual indispensável para se perceber a presença de Deus e para se deixar conquistar por ela» (1 Rs 19, 11-14)<sup>123</sup>.

O ponto culminante da oração cristã é a Eucaristia, que, por sua vez, se situa como «cume e fonte» dos Sacramentos e da Liturgia das Horas.

«A celebração quotidiana da **Eucaristia** que se consuma na comunhão sacramental recebida dignamente e com plena liberdade, deve ser o **centro de toda a vida do Seminário**; a ela os alunos devem devotamente assistir. Participando no Sacrifício da Missa, “fonte e centro de toda a vida cristã”, os alunos participam da caridade de Cristo, haurindo desta fonte riquíssima a força sobrenatural para a sua vida espiritual e trabalho apostólico. (...) Aprendam ao alunos, **o modo de rezar da Igreja**, por uma conveniente introdução à Sagrada Liturgia, aos Salmos e às outras preces imbuídas da Sagrada Escritura, pela frequente recitação em comum de alguma parte do Ofício (por ex. de *Laudes* ou das *Horas Verperinas*), a fim de compreenderem com maior diligência e reverência a Palavra de Deus que fala nos Salmos e em toda a Liturgia, e, ao mesmo tempo

<sup>123</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 47.

se educarem para cumprir fielmente na vida sacerdotal a obrigação do Ofício Divino»<sup>124</sup>.

É inteiramente necessária a *educação litúrgica*, enquanto inserção vital no mistério pascal de Jesus Cristo morto e ressuscitado, porque a comunhão com Deus, fulcro de toda a vida espiritual, é dom e fruto dos Sacramentos, especialmente da Eucaristia, memorial da morte sacrificial de Cristo e da Sua gloriosa ressurreição, e do Sacramento da Penitência. Daí a importância da Eucaristia na formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio e na vida e ministério sacerdotal.

«Convém que os seminaristas participem **diariamente** na celebração eucarística, de tal modo que depois assumam como regra da sua vida sacerdotal esta celebração quotidiana. Eles deverão ser também educados no sentido de considerar a celebração eucarística como o **momento essencial do seu dia a dia**, no qual participarão activamente, jamais se contentando com uma mera assistência rotineira. Enfim, os candidatos ao sacerdócio devem ser formados nas **íntimas disposições** que a Eucaristia promove, o **reconhecimento** pelos benefícios do Alto, pois a Eucaristia é acção de graças; a **atitude oblativa** que os impele a unir à oferta eucarística de Cristo, a própria oferta pessoal; a caridade alimentada por um Sacramento que é sinal de unidade e de partilha; o **desejo de contemplação e de adoração** diante de Cristo realmente presente sob as espécies eucarísticas»<sup>125</sup>.

Importa ainda que redescubram o Domingo, dia do Senhor, como um «dia de oração», o dia da relação do homem com Deus, a fim de prepararem a oração do povo de Deus neste «dia de descanso».

«Na verdade, a vida inteira do homem e todo o seu tempo, devem ser vividos como louvor e agradecimento ao seu Criador. Mas a relação do homem com Deus *necessita também de momentos explicitamente de oração*, nos quais a relação se torna diálogo intenso, envolvendo toda a dimensão da pessoa. O “dia do Senhor” é, por excelência, o dia desta relação, no qual *o homem eleva a Deus o seu canto*, tornando-se eco da criação inteira»<sup>126</sup>.

<sup>124</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* (1985), n. 52, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, pp. 296-297.

<sup>125</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 48.

<sup>126</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Dies Domini*, n. 15.



Numa cultura que perdeu o «sentido do pecado» e, conseqüentemente, o «sentido do perdão», é imperioso e urgente redescobrir, no âmbito da formação espiritual, a beleza e a alegria do Sacramento da Penitência e o sentido da cruz na vida dos candidatos ao sacerdócio.

«Urge educar os futuros presbíteros para a **virtude da penitência**, que é sapientemente alimentada pela Igreja nas suas celebrações e nos tempos do ano litúrgico e que encontra a sua plenitude no Sacramento da Reconciliação. Daqui brotam o sentido da ascese e da disciplina interior, o espírito de sacrifício e de renúncia, a aceitação da fadiga e da cruz. (...) É necessário inculcar o **sentido da cruz** que está no coração do mistério pascal. Graças a esta identificação com Cristo ressuscitado, enquanto servo, o mundo pode reencontrar o valor da austeridade, da dor e mesmo do martírio, no interior da actual cultura embebida de secularismo, de avidez e de hedonismo»<sup>127</sup>.

Além disso, não-de ser formados para procurar e encontrar Cristo nas necessidades dos homens, participarem na caridade do Bom Pastor pelos «pobres» e na sua misericórdia pelos «pecadores».

«Por último, a formação espiritual comporta a *procura de Cristo nos homens*, porque a vida espiritual, como vida interior, vida de intimidade com Deus, vida de oração e de contemplação, além do encontro com Deus, implica o encontro com o próximo, como dom de si aos outros. A formação espiritual para o dom generoso e gratuito de si mesmo leva implícita a formação pastoral ou caritativa dos candidatos ao sacerdócio. A preparação para o sacerdócio implica a formação para a caridade de Cristo, particularmente para o amor preferencial pelos “pobres”, nos quais a fé descobre a presença de Jesus (Mt 25, 40), e para o amor misericordioso pelos pecadores. Na formação espiritual do futuro sacerdote, e na perspectiva da caridade, insere-se a educação para a obediência, para o celibato e para a pobreza. Na formação espiritual para o celibato deverá ser assegurada a consciência do “precioso dom de Deus”, a qual conduzirá à oração e à vigilância para que esse dom seja protegido de tudo o que o possa ameaçar. (...) No seminário, ou seja, no seu programa de formação, o celibato deve ser apresentado com clareza, sem qualquer ambigüidade e de modo positivo. O seminarista deve possuir grande maturidade psíquica e sexual, bem como uma **vida assídua e autêntica de oração** e deve colocar-se sob a guia de um director espiritual»<sup>128</sup>.

<sup>127</sup> JOÃO PAULO II, PDV, n. 48.

<sup>128</sup> *IBIDEM*, n. 50.

## 8.2. A oração na formação intelectual dos candidatos ao sacerdócio

Dentro da formação intelectual dos futuros sacerdotes na inteligência da fé, o *estudo*, particularmente da teologia, leva-os a aderirem à Palavra de Deus, a *crecerem na vida espiritual* e dispõem-nos para desempenhar o seu ministério pastoral. São João da Cruz deixou este «dito de luz e amor» que contém a inter-relação entre a formação intelectual dos candidatos ao sacerdócio e a sua formação espiritual: «religioso e estudante, religioso por diante». De facto, o estudo e a oração complementam-se entre si.

«A formação intelectual teológica e a vida espiritual, particularmente a **vida de oração**, encontram-se e reforçam-se mutuamente, sem nada tirar nem à seriedade da investigação nem ao sabor espiritual da oração. S. Boaventura adverte-nos: “Ninguém pense que lhe baste a leitura sem a unção, a especulação sem a devoção, a busca sem o assombro, a observação sem a exultação, a **actividade sem a piedade**, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a sabedoria da inspiração divina”<sup>129</sup>.

De facto, são necessários sacerdotes sábios e santos para tornarem Deus «credível» no mundo de hoje. Na oração, tendencialmente mística, hão-de tornar-se «lâmpadas de fogo» que fazem «arder e brilhar» o amor de Deus no meio dos homens.

«Aquilo de que mais precisamos neste momento da história é de *homens que*, por meio de uma fé iluminada e vivida, *tornem Deus credível neste mundo*. O testemunho negativo de cristãos que falavam de Deus e viviam contra Ele ensombrou a imagem de Deus e abriu a porta à incredulidade. Precisamos de homens que mantenham o olhar voltado para Deus e aí aprendam a verdadeira humanidade. Temos necessidade de homens cujo intelecto seja iluminado pela luz de Deus e aos quais Deus abra o coração, de modo a que o seu intelecto possa falar ao intelecto dos outros e o seu coração possa abrir o coração dos outros. *Só através de homens tocados por Deus, Deus pode voltar para junto dos homens*» (Joseph Ratzinger).

## 8. 3. A oração na formação pastoral dos candidatos ao sacerdócio

A formação pastoral dos candidatos ao sacerdócio tem por finalidade fazê-los comungar da caridade de Cristo Bom Pastor. A formação pastoral tem como objectivo prioritário formar verdadeiros pastores de almas

<sup>129</sup> *IBIDEM*, n. 53.

segundo o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Bom Pastor, para que saibam apresentar aos homens Cristo que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos” (Mc 10, 45; Jo 13, 12-17) e para ganhar a muitos; fazendo-Se servo de todos (1 Co 9, 19). Daí que a oração do pastor tenha que ser uma «oração pastoral», estreitamente vinculada com a actividade pastoral<sup>130</sup>.

«A **vida de oração** e a vida sacramental são para os sacerdotes uma **autêntica prioridade pastoral**, que os ajudará a responder com determinação à chamada à santidade recebida do Senhor e à missão de guiar os fiéis por este mesmo caminho. **Quem reza não desperdiça o seu tempo**, ainda que tudo faça pensar numa situação de emergência e pareça impulsionar só à acção»<sup>131</sup>.

É necessário que os presbíteros sejam testemunhas da caridade do próprio Cristo que “passou a vida fazendo o bem” (Act 10, 38). Para tal, devem estar bem preparados para toda a espécie de boas obras (2 Tm 3, 17) e para viver como «serviço» a sua própria missão de «autoridade» na comunidade.

«*A oração é indispensável* para conservar a sensibilidade pastoral, em relação a tudo o que provém do “Espírito”, para “discernir” correctamente e para saber empregar bem aqueles carismas que levarão à união e que estão ligados ao serviço sacerdotal na Igreja. Com efeito, é função dos Presbíteros “*congregar o Povo de Deus*” e nunca dividi-lo. E eles desempenham esta função sobretudo como dispensadores da Santíssima Eucaristia»<sup>132</sup>.

A «adoração eucarística», o «encontro pessoal de amizade com o Senhor», é uma «prioridade pastoral» para os sacerdotes exercerem a «caridade pastoral» junto dos fiéis por eles bebida na Eucaristia.

«Deter-se em **colóquio íntimo de adoração**, perante o Bom Pastor presente no Santíssimo Sacramento do altar, constitui uma **prioridade pastoral** altamente superior a qualquer outra. O sacerdote, guia de uma comunidade, deve actuar tal prioridade para não se tornar árido interiormente e não transformar-se em um canal seco, que já nada poderia dar a ninguém. A obra pastoral de maior relevância decididamente resulta ser a espiritualidade. Todo plano pastoral, projecto missionário, dinamismo na evangelização, que

<sup>130</sup> Francisco José Andrades Ledo, *La formación pastoral: comunicar la caridad pastoral de Jesucristo Buen Pastor*, in *Seminários*, nn. 189-190 (2008), p. 101.

<sup>131</sup> BENTO XVI, Aos Sacerdotes do Mali, 18/05/2007.

<sup>132</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1987*, n. 12.

prescindisse do primado da espiritualidade e do culto divino, estaria destinado ao fracasso. (...) A espiritualidade sacerdotal exige que ele **respire um clima de proximidade ao Senhor Jesus, de amizade e de encontro pessoal**, de missão ministerial “compartilhada”, de amor e serviço à sua Pessoa na “pessoa” da Igreja, seu Corpo, sua Esposa. Amar a Igreja e doar-se a ela no serviço ministerial requer um amor profundo ao Senhor Jesus. “Esta caridade pastoral flui, antes de mais nada, do Sacrifício Eucarístico que, por isso, se apresenta como centro e raiz de toda a vida do Presbítero, de sorte que a alma sacerdotal se esforçará por interiorizar o que na ara do sacrifício se passa. Não se pode alcançá-lo porém, a não ser que **os mesmos sacerdotes pela oração penetrem sempre mais intimamente no mistério de Cristo**”<sup>133</sup>.

João Paulo II na *Novo millennio ineunte* indicou as sete prioridades pastorais da Igreja no terceiro milênio: a santidade, a oração, a Santíssima Eucaristia dominical, o sacramento da Reconciliação, o primado da graça, a escuta da Palavra e o anúncio da Palavra.

«Não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade. (...) É hora de propor de novo a todos, com convicção, esta “medida alta” da vida cristã ordinária. (...) Os percursos da santidade são pessoais e exigem uma verdadeira *pedagogia da santidade*, capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos. (...) Para esta pedagogia da santidade, há necessidade dum cristianismo que se destaque principalmente pela *arte da oração*»<sup>134</sup>.

A Congregação para o Clero, à luz deste programa pastoral da Igreja para o terceiro milênio, pôs em evidência a relação entre a pastoral da santidade e a pastoral da oração, e, mais concretamente, entre a pedagogia da santidade e a pedagogia da oração.

«Uma verdadeira pastoral da santidade nas nossas comunidades paroquiais implica uma autêntica **pedagogia da oração**, uma renovada, persuasiva e eficaz catequese sobre a importância da Santíssima Eucaristia dominical e também quotidiana, da adoração comunitária e pessoal do Santíssimo Sacramento, sobre a prática frequente e individual do sacramento da Reconciliação, sobre a direcção espiritual, sobre a devoção mariana, sobre a imitação dos

<sup>133</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, nn. 11. 12.

<sup>134</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, nn. 30-31. 32.

Santos, um novo impulso apostólico vivido como compromisso quotidiano das comunidades e das pessoas, uma adequada pastoral da família, um coerente compromisso social e político»<sup>135</sup>.

A pastoral da santidade exige uma pastoral da oração, e a pedagogia da santidade requer uma pedagogia da oração. Para redescobrir o caminho da santidade nas paróquias é necessário recordar que a oração é a alma de todo o apostolado, que a intimidade divina e a conformação com Cristo são a meta da santidade.

«Guiar os fiéis a uma **vida interior sólida**, sobre o fundamento dos princípios da doutrina cristã, como foram vividos e ensinados pelos Santos, é a obra pastoral muito mais relevante e fundamental. Nos planos pastorais é precisamente este aspecto, que deveria ser privilegiado. Hoje, mais do que nunca, é **necessário redescobrir a oração, a vida sacramental, a meditação, o silêncio adorante, o coração a coração com Nosso Senhor**, o exercício quotidiano das virtudes que a Ele configuram; tudo isto é muito mais produtivo do que qualquer discussão e é, de qualquer forma, a condição para a sua eficácia»<sup>136</sup>.

O sacerdote, orante e santo, há-de fazer da paróquia uma «escola» de oração e, por conseguinte, uma «escola» de santidade.

«Do exemplo e do testemunho do sacerdote os fiéis podem tirar grande proveito (...) **redescobrimo a paróquia como “escola” de oração**, onde o encontro com Cristo não se exprime apenas em pedidos de ajuda, mas também em acção de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta, afectos de alma, até se chegar a um coração verdadeiramente apaixonado” (...) Ai de nós, se esquecermos que “sem Cristo, nada podemos fazer” (cf. *Jo* 15, 5). **É a oração que nos faz viver nesta verdade**, recordando-nos constantemente **o primado de Cristo** e, conseqüentemente, **o primado da vida interior e da santidade**. Quando não se respeita este primado (...) repete-se então connosco aquela experiência dos discípulos narrada no episódio evangélico da pesca milagrosa: “Trabalhamos durante toda a noite e nada apanhamos” (*Lc* 5, 5). Esse é o momento da fé, da **oração, do diálogo com Deus**, para abrir o coração à onda da graça e deixar a palavra de Cristo passar por nós com toda a sua força: *Duc in altum!*”<sup>137</sup>.

<sup>135</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, n. 27.

<sup>136</sup> *IBIDEM*, n. 27.

<sup>137</sup> *IBIDEM*, n. 27.

A santidade pessoal do sacerdote, aprendida na «escola» da oração, na «escola de Jesus orante», há-de tirar forças dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência. É na «escola» de Jesus-Eucaristia que o sacerdote se alimenta para ser fiel a Cristo e à Igreja.

«A Eucaristia é o ponto donde tudo irradia e para o qual tudo conduz (...) Ao longo dos séculos, muitos sacerdotes encontraram nela o conforto prometido por Jesus na noite da Última Ceia, o segredo para vencer a sua solidão, o apoio para suportar seus sofrimentos, o alimento para retomar o caminho depois do desalento, a energia interior para confirmar a própria decisão de fidelidade»<sup>138</sup>.

#### 8. 4. A oração na comunidade formativa do seminário Maior

A vocação sacerdotal é, em primeiro lugar, uma vocação a ser homem e mestre de oração, para que todo o povo sacerdotal de Deus possa chegar à adoração em espírito e verdade. O Seminário, enquanto escola de formação integral para o ministério sacerdotal, deve ser uma «escola de oração».

«Creio que os seminários deveriam ter como missão primordial a de ser uma *escola de oração*, de modo que os sacerdotes possam viver nela como irmãos e testemunhas visíveis da sua missão solidária de promover o espírito e a prática da oração»<sup>139</sup>.

O Seminário, antes de ser a estrutura física do edifício material, é um espaço da experiência teológica da presença do Senhor, onde a vida dos seminaristas, no seguimento de Cristo, a exemplo dos Apóstolos, se processa até à maturidade do sacerdócio.

«O “seminário” nas suas diversificadas formas, e de modo análogo a “casa de formação” dos sacerdotes religiosos, antes de ser um lugar, um espaço material, representa um espaço espiritual, um itinerário de vida, uma atmosfera que favorece e assegura um processo formativo, de modo que aquele que é chamado por Deus ao sacerdócio possa tornar-se, pelo Sacramento da Ordem, uma imagem viva de Cristo Cabeça e Pastor da Igreja. Na sua *Mensagem final*, os Padres sinodais intuíram de modo imediato e profundo o significado original e qualificante da formação dos candidatos ao sacerdócio, ao afirmarem que “*viver em seminário*, escola do Evangelho, significa *viver o segui-*

<sup>138</sup> IBIDEM, n. 30.

<sup>139</sup> B. HÄRING, *Oración*, in *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, 2ª ed., Ediciones Paulinas, Madrid, 1985, p. 1022.

*mento de Cristo como os Apóstolos*, significa deixar-se iniciar por Ele no serviço do Pai e dos homens, sob a orientação do Espírito Santo; significa deixar-se configurar a Cristo Bom Pastor, para um melhor serviço sacerdotal na Igreja e no mundo. Formar-se para o sacerdócio significa habituar-se a dar uma resposta pessoal à pergunta fundamental de Cristo: “Tu amas-Me”. A resposta, para o futuro sacerdote, não pode ser senão o dom total da sua própria vida»<sup>140</sup>.

Os candidatos ao sacerdócio revivem, na comunidade formativa, a experiência de formação que Jesus realizou com os seus Apóstolos, vivendo à volta do Bom Pastor, o qual, por meio do Espírito, prepara o coração dos seus futuros «pastores», amadurecendo neles a caridade pastoral.

«O Seminário Maior é uma comunidade educativa em caminhada destinada a oferecer, a quem é chamado pelo Senhor a servir como os Apóstolos, a possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos Doze. O Seminário é a continuação na Igreja da mesma comunidade apostólica reunida à volta de Jesus, escutando a Sua palavra, caminhando para a experiência da Páscoa, e esperando (em oração) o dom do Espírito para a missão. Se a formação para o sacerdócio é essencialmente a preparação do futuro «pastor» à imagem de Jesus Cristo Bom Pastor, quem melhor que o próprio Cristo, mediante a efusão do Seu Espírito, pode conceder e levar ao amadurecimento aquela mesma caridade pastoral que Ele viveu até ao dom total de si (Jo 15, 13; 10, 11) e quer que seja revivida por todos os presbíteros?»<sup>141</sup>.

Torna-se, deste modo, a «comunidade dos discípulos do Senhor», que lê e medita a Palavra de Deus, celebra a Eucaristia, canta os louvores de Deus e pratica a caridade fraterna.

«Na sua face cristã, o Seminário deve configurar-se – dizem os Padres sinodais – como “comunidade eclesial”, como “comunidade dos discípulos do Senhor”, na qual se celebra uma mesma Liturgia (que permeia a **vida de espírito de oração**), formada dia a dia na **leitura e na meditação da Palavra de Deus**, no Sacramento da Eucaristia, e no exercício da justiça e da caridade fraterna; uma comunidade onde, no progresso da vida comunitária e na vida de cada membro, resplandece o Espírito de Cristo e o amor para com a Igreja»<sup>142</sup>.

<sup>140</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 42.

<sup>141</sup> *IBIDEM*, n. 65.

<sup>142</sup> *IBIDEM*, n. 60.

Por seu lado, a paróquia, enquanto comunidade eclesial, com a sua pastoral juvenil e vocacional e, sobretudo, com a sua oração, deve ajudar a família e cooperar com o Seminário na formação do futuro sacerdote.

«A comunidade paroquial, com a sua específica pastoral juvenil e vocacional, desempenha muitas vezes um papel de suplência relativamente à família e de colaboração com o Seminário. Sobretudo enquanto realização local mais imediata do mistério da Igreja, a paróquia oferece um contributo original e particularmente precioso para a formação do futuro sacerdote. A comunidade paroquial deve continuar a sentir como parte viva de si mesma o jovem a caminho do sacerdócio, deve **acompanhá-lo com a oração**, acolhê-lo cordialmente nos períodos de férias, respeitar e favorecer o desenvolvimento da sua identidade presbiteral, oferecendo-lhe ocasiões oportunas e estímulos fortes para pôr à prova a sua vocação para a missão sacerdotal»<sup>143</sup>.

Na sua tarefa de formar sacerdotes para o presente e para o futuro próximo, o Seminário há-de formá-los na obediência a Cristo e no serviço à Igreja. Para isso, o melhor investimento é a proposta aos candidatos ao sacerdócio de um caminho de vida espiritual, assente na oração, que faça crescer neles o amor a Cristo e à Igreja.

«Os Seminários de hoje têm de formar padres para a situação presente, mas têm de os formar igualmente para um futuro próximo, que não sabemos como será nem que tipo de exigências concretas fará. Há, no entanto, uma base comum, um conjunto de condições essenciais que se esperam no padre de hoje e de todos os tempos, algo que lhe permitirá uma capacidade evangélica de adaptação a todas as pessoas, circunstâncias tempos e meios. Trata-se de formar padres que sejam peritos na obediência a Cristo, que se dão à missão e ao amor à Igreja que querem servir. E isto faz-se **formando padres que sejam em qualquer circunstância homens orantes**, homens de comunhão íntima com Cristo e com a sua Igreja. A primeira responsabilidade do Seminário é, nesta linha, propor um **caminho de vida espiritual, bem alicerçado na oração**, que possibilite o crescimento de homens totalmente voltados para a entrega a Cristo e à Sua Igreja. Seminaristas que se fortalecem na relação com Cristo e com a Igreja a partir da oração, darão padres capazes de se adaptar às mais variadas circunstâncias pastorais e apostólicas. Seminários

<sup>143</sup> *IBIDEM*, n. 68.



que, não desprezando todos os outros aspectos importantes da formação, privilegiam a dimensão orante da vida dos candidatos ao sacerdócio, investem na “melhor parte”»<sup>144</sup>.

## 9. A oração e a dimensão espiritual da formação permanente

Os presbíteros, cultivando os momentos de silêncio e de oração, não só imitam o Cristo orante e a Igreja orante, mas também evitam cair na «tentação» do «activismo exterior», tão presente nos nossos dias.

«A vida do presbítero está exposta, hoje mais do que nunca, a uma série de solitações que poderiam conduzi-la para um crescente *activismo exterior*, submetendo-a a um ritmo, por vezes, frenético e irresistível. Contra tal “tentação”, o presbítero deve “estar com Cristo” na oração (Mc 3, 14), *imitando o Cristo orante*, que quis deixar-nos o testemunho da sua oração. Toda a sua actividade quotidiana derivava da oração. O divino Mestre demonstrou que a oração animava o seu ministério messiânico e o seu êxodo pascal. A exemplo de Cristo, o sacerdote deve saber manter a vivência e a abundância dos **momentos de silêncio e de oração**, para mediante eles cultivar e aprofundar uma relação existencial com a Pessoa viva do Senhor Jesus. Para permanecer fiel ao empenho de “estar com Jesus”, é necessário que o presbítero saiba *imitar a Igreja orante*»<sup>145</sup>.

A formação permanente dos presbíteros, na sua dimensão espiritual, tem em vista a união entre o Senhor Jesus e o padre, fundamento e força da «vida segundo o Espírito». O Concílio apontou alguns meios concretos a usar na formação permanente da vida espiritual do sacerdote, tal como a liturgia das horas, a oração pessoal quotidiana, a frequente recepção sacramental da Reconciliação preparada pelo exame de consciência, a devoção a Nossa Senhora, a visita e o culto pessoal à Sagrada Eucaristia, o retiro espiritual e a direcção espiritual<sup>146</sup>.

<sup>144</sup> VIRGÍLIO DO NASCIMENTO ANTUNES, *O Seminário...*, o. c., p. 241.

<sup>145</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, nn. 40-41. «O dinamismo ministerial sem uma sólida espiritualidade sacerdotal traduzir-se-ia em um activismo vazio e desprovido de todo profetismo» (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, n. 11).

<sup>146</sup> CONC. ECUM. VAT. II, *OT*, n. 18.

Na mesma linha, a Igreja aconselha que cada sacerdote tenha o seu próprio programa de vida de oração para «respirar os perfumes da vida de Jesus» no dia a dia e crescer na amizade com Ele e no amor à Igreja.

«Tal vida espiritual deve ser encarnada na existência de cada presbítero mediante a liturgia, a oração pessoal, o estilo de vida e a prática das virtudes cristãs que contribuem para a fecundidade da acção ministerial. A própria conformação a Cristo exige, por assim dizer, **o respirar um clima de amizade e de encontro pessoal com o Senhor Jesus** e de serviço à Igreja, seu Corpo, que o sacerdote demonstrará amar mediante o cumprimento fiel e incansável dos deveres do ministério pastoral. É necessário, portanto, que **o presbítero programe a sua vida de oração** de maneira a incluir: a celebração eucarística quotidiana, com a adequada preparação e acção de graças; a confissão frequente e a direcção espiritual já começada no seminário; a celebração íntegra e fervorosa da liturgia das horas, à qual é quotidianamente obrigado; o exame de consciência; **a oração mental propriamente dita**; a lectio divina; os momentos prolongados de silêncio e de colóquio, sobretudo nos Exercícios e Retiros Espirituais periódicos; as preciosas expressões da devoção mariana, como o Rosário; a “Via-Sacra” e os outros pios exercícios; a frutuosa leitura hagiográfica»<sup>147</sup>.

O magistério da Igreja aconselha cada sacerdote a ter um projecto concreto de vida pessoal, no qual constem pontos como a escuta da Palavra, o encontro com Cristo na Eucaristia, a devoção a Nossa Senhora, o estudo da doutrina da Igreja, o apelo da vida dos santos, o repouso, a cooperação com o Bispo e com o presbitério.

«É de desejar que cada presbítero, talvez em concomitância com os exercícios espirituais periódicos, elabore um projecto concreto de vida pessoal, se possível, de acordo com o director espiritual, para o qual se assinalam alguns pontos: 1. meditação quotidiana da Palavra ou dum mistério da fé; 2. Encontro pessoal quotidiano com Jesus na Eucaristia, para além da devota celebração da Santa Missa; 3. devoção mariana (rosário, consagração ou entrega, colóquio íntimo); 4. momento formativo doutrinal e hagiográfico; 5. repouso devido; 6. empenho renovado em pôr em prática as intenções do Bispo próprio e de avaliação da convicta adesão pessoal ao Magistério e à disciplina eclesiástica; 7. atenção prestada à comunhão e à amizade sacerdotal»<sup>148</sup>.

<sup>147</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 39.

<sup>148</sup> *IBIDEM*, n. 76.

O *Catecismo da Igreja Católica*, um «dom» de Deus para os padres, «é um meio privilegiado para aprofundar o conhecimento inesgotável do mistério cristão, **dar novo impulso a uma oração intimamente unida à de Cristo**, e conformar o compromisso de um testemunho coerente de vida»<sup>149</sup>. A vida do padre há-de ser uma «meditação» contínua no meio da «actividade» pastoral, pois «é a oração que assinala o estilo essencial do sacerdócio e, sem ela, o estilo se desfigura»<sup>150</sup>.

«Exercitas a cura de almas? perguntava S. Carlos Borromeu no seu discurso dirigido aos sacerdotes, e respondia deste modo: “Não descuides por causa disso o cuidado de ti mesmo, e não te dês aos outros até ao ponto de não restar nada de ti, para ti próprio. Certamente, deves ter presente a recordação das almas de quem és pastor, mas não te esqueças de ti mesmo. Compreendei, irmãos, que **nada é tão necessário a todas as pessoas eclesiais como a meditação** que precede, acompanha e segue todas as nossas acções: cantarei, diz o profeta, e meditarei (Sl 100, 1). Se administras os Sacramentos, ó irmão, medita no que fazes. Se celebras a Missa, medita no que ofereces. Se recitas os salmos em coro, medita a Quem e de que coisa falas. Se guias as almas, medita com que sangue foram lavadas; e tudo se faça entre vós na caridade (1 Co 16, 14). Assim poderemos superar as dificuldades que encontramos, e são inúmeras, cada dia. De resto, isto é-nos pedido pela tarefa que nos foi confiada. Se assim fizermos, teremos a força para gerar Cristo em nós e nos outros» (S. Carlos Borromeu)<sup>151</sup>.

A meditação, tão necessária a todos os sacerdotes, há-de ser continuamente «renovada» e «reconquistada», até na sua fidelidade exterior, que permita «um verdadeiro encontro» com o Pai, por Cristo, no Espírito.

**«A vida de oração deve ser continuamente “renovada” no sacerdote.** A experiência, de facto, ensina que **na oração não se vive dos rendimentos**: em cada dia é preciso não só **reconquistar a fidelidade exterior aos momentos de oração**, sobretudo aos que se destinam à celebração da Liturgia das Horas e aos deixados à escolha pessoal livres de prazos e horários de serviço litúrgico, mas também e especialmente **reeducar à contínua procura de um verdadeiro encontro pessoal com Jesus, de um confiante**

<sup>149</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1993*, n. 2.

<sup>150</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1979*, n. 10.

<sup>151</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 72.

**colóquio com o Pai, de uma profunda experiência do Espírito.** (...) Participante da missão profética de Jesus e inserido no mistério da Igreja Mestra da verdade, ele é chamado a revelar aos homens, em Jesus Cristo, o rosto de Deus e, com isso o verdadeiro rosto do homem. Mas isto exige que o próprio sacerdote **procure esse rosto e O contemple** com veneração e amor (Sl 26, 8; 41, 2): só assim o pode dar a conhecer aos outros»<sup>152</sup>.

É no contexto da Igreja comunhão e do presbitério que se pode enfrentar melhor o problema da *solidão do sacerdote*.

«O ministério pastoral é uma empresa fascinante mas árdua, sempre exposta à incompreensão e à marginalização e, hoje, sobretudo ao cansaço, à desconfiança, ao isolamento e, por vezes, à solidão. Para vencer os desafios que a mentalidade secularista continuamente lhe coloca, o sacerdote terá o cuidado de reservar *o primado absoluto à vida espiritual*, ao **estar sempre com Cristo** e ao viver com generosidade a caridade pastoral, intensificando a comunhão com todos, em primeiro lugar, com os outros presbíteros»<sup>153</sup>.

Cultivando o primado absoluto da vida espiritual – estando sempre com Cristo – o sacerdote aprenderá na solidão a encontrar a comunhão com Deus.

«Fortificado pela especial ligação ao Senhor, o presbítero saberá enfrentar os momentos em que poderia *sentir-se só* no meio dos homens, renovando energicamente o seu *estar com Cristo*, que na Eucaristia é o seu refúgio e o seu melhor repouso. Como Jesus, que enquanto estava só estava continuamente com o Pai (Lc 3, 21; Mc 1, 35), assim também **o presbítero deve ser o homem que na solidão encontra a comunhão com Deus**, de modo a poder dizer com Santo Ambrósio: “Nunca estou menos só do que quando pareço estar só”»<sup>154</sup>.

A solidão sacerdotal, quando habitada pela presença do Senhor, é propícia para crescer na santidade e no apostolado.

«O sacerdote pode experimentar em qualquer idade e em qualquer situação o *sentimento da solidão*... Todavia, também estes

<sup>152</sup> *IBIDEM*, n. 72.

<sup>153</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 42.

<sup>154</sup> *IBIDEM*, n. 42.

momentos de dificuldade podem tornar-se, com a ajuda do Senhor, ocasiões privilegiadas de crescimento no caminho da santidade e do apostolado. Com efeito, o padre pode descobrir que “se trata duma solidão habitada pela presença do Senhor”<sup>155</sup>.

A «solidão sonora», a «solidão habitada por Deus», é, no dizer místico poético de São João da Cruz, «ceia que recreia e enamora» o coração do sacerdote.

«A solidão não cria só dificuldades, oferece também oportunidades positivas para a vida sacerdotal; aceite com espírito de oferta e **procurada na intimidade com Jesus Cristo Senhor, a solidão pode ser uma oportunidade para a oração** e o estudo, como também uma ajuda para a santificação e o crescimento humano. Uma certa forma de solidão é necessária para a formação permanente. Jesus sabia retirar-se por vezes para **orar sozinho** (Mt 14, 23). A capacidade de aguentar uma boa solidão é condição indispensável para o cuidado da vida interior. Trata-se de uma **solidão habitada** pela presença do Senhor, que, na luz do Espírito Santo, nos põe em contacto com o Pai. Neste sentido, a procura do silêncio e de espaços e tempos de “deserto” é necessária à formação permanente, quer no campo intelectual, quer no campo espiritual e pastoral. Neste sentido ainda, pode-se afirmar que não é capaz de verdadeira e fraterna comunhão, quem não sabe viver bem a própria solidão»<sup>156</sup>.

A formação permanente deve acompanhar os sacerdotes *sempre* em todos os períodos e condições da sua vida, seja a dos jovens sacerdotes, a dos presbíteros de meia-idade, e a dos idosos. A formação permanente é um dever para os jovens sacerdotes que devem ser acompanhados por uma estrutura de apoio, com guias e mestres apropriados, sem faltar a oração.

«Por ocasião dos encontros periódicos, suficientemente longos e frequentes, possivelmente orientados em ambiente comunitário e regime interno, ser-lhes-ão garantidos **momentos** preciosos de repouso, **de oração**, de reflexão e de intercâmbio fraterno. Assim, logo desde o início, será mais fácil para eles dar uma orientação evangelicamente equilibrada à sua vida presbiteral»<sup>157</sup>.

<sup>155</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 42.

<sup>156</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 74.

<sup>157</sup> *IBIDEM*, n. 76.

Entre os responsáveis da formação permanente dos presbíteros encontra-se a Igreja particular. A formação permanente dos sacerdotes, enquanto assegura a maturidade humana, espiritual, intelectual e pastoral dos padres, resulta num bem para todo o Povo de Deus.

«Todo o povo de Deus, na diversidade dos seus membros, pode e deve oferecer uma preciosa ajuda à formação permanente dos seus sacerdotes. Neste sentido, deve **deixar-lhes espaços de tempo** para o estudo e **para a oração**, pedir-lhes aquilo para que foram enviados por Cristo e nada mais, oferecer colaboração nos vários âmbitos da missão pastoral, especialmente no que diz respeito à promoção humana e ao serviço de caridade, assegurar relações cordiais e fraternas com eles, facilitar-lhes a consciência de que não são “donos da fé” mas “colaboradores da alegria” de todos os fiéis (2 Co 1, 24)»<sup>158</sup>.

A oração é um dos momentos, formas e meios da formação permanente dos sacerdotes. Os momentos especiais de oração mais prolongada e calma ajudam o sacerdote a crescer espiritual e pastoralmente.

«Se cada momento pode ser um “tempo favorável” (2 Co 6, 2), no qual o Espírito Santo directamente conduz o sacerdote a um **crescimento na oração**, no estudo e na consciência das próprias responsabilidades pastorais, há, todavia, momentos “privilegiados”, mesmo se mais comunitários e preestabelecidos. Além dos encontros *do Bispo com o seu presbitério*, os *encontros de estudo e reflexão comum*, os *encontros de espiritualidade sacerdotal*, tais como os retiros, os dias de recolção e de espiritualidade, etc, constituem ocasião para um crescimento espiritual e pastoral, para **uma oração mais prolongada e calma**, para um regresso às raízes do seu ser padre, para reencontrar vigor de motivações para a fidelidade e o impulso pastoral»<sup>159</sup>.

A promessa de Deus – «dar-vos-ei pastores segundo o Meu coração» (Jr 3, 15) – ainda hoje viva e operante na Igreja, suscita no **coração da Igreja a oração**, a súplica ardente e confiante no amor do Pai de que, tal como Jesus o Bom Pastor, mandou os Apóstolos, os seus sucessores e uma multidão inumerável de presbíteros, assim continue a manifestar aos homens de hoje a Sua fidelidade e a Sua bondade e mande «pastores» prontos a responder ao Seu dom.

<sup>158</sup> *IBIDEM*, n. 78.

<sup>159</sup> *IBIDEM*, n. 80.

«A Igreja está pronta a responder a esta graça. Sente que o dom de Deus exige uma resposta coral e generosa: **todo o Povo de Deus deve incansavelmente rezar e trabalhar pelas vocações sacerdotais**; os candidatos ao sacerdócio devem preparar-se com grande seriedade para acolher e viver o dom divino, conscientes de que a Igreja e o mundo têm absoluta necessidade deles; devem enamorar-se de Cristo Bom Pastor, modelar sobre o Seu o coração deles, estar prontos a ir pelas estradas do mundo como Sua imagem para proclamar a todos Cristo Caminho, Verdade e Vida»<sup>160</sup>.

A missão do sacerdote, tal como a de Moisés como pastor orante (Ex 17, 11-13), é a de rezar muito pela Igreja, a qual, por sua vez, há-de rezar pelos seus pastores. A oração liga o coração do pastor ao coração das ovelhas e o coração das ovelhas ao coração do pastor.

«A **oração do pastor sustém a grei**. Isto é certo. Mas também é verdade que **a oração do povo sustém a quem tem a missão de guiá-lo** (...). Eu próprio sou testemunha disto por tê-lo experimentado pessoalmente. A oração da Igreja é uma grande força»<sup>161</sup>.

Neste sentido pastoral, é de evidenciar a prioridade absoluta da dimensão eclesial da oração do sacerdote. «Ele convoca para a oração, preside à oração, faz de um grupo de cristãos uma assembleia orante, torna-se pedagogo de oração. Mesmo quando reza sozinho, o padre reza sempre com a Igreja e em nome da Igreja. É que a própria eficácia sacramental do seu ministério acontece sempre no seio da Igreja reunida em oração»<sup>162</sup>.

Na celebração da Eucaristia, na visita ao Santíssimo Sacramento, na adoração do Senhor por meio da exposição solene do Santíssimo Sacramento, com a bênção eucarística dos fiéis, os sacerdotes tornam-se exemplos e modelos de oração para o povo de Deus.

«Dever-se-á favorecer ao máximo a prática da visita ao Santíssimo Sacramento, dispondo e estabelecendo, de modo fixo, o mais amplo espaço de tempo possível para que a igreja seja mantida aberta. Não poucos párocos, louvavelmente, promovem a adoração mediante a exposição solene do Santíssimo Sacramento e a bênção eucarística, experimentando os seus frutos na vitalidade

<sup>160</sup> *IBIDEM*, n. 82.

<sup>161</sup> JOÃO PAULO II, Homilia na missa do vigésimo aniversário da sua eleição (18/10/1998).

<sup>162</sup> D. JOSÉ POLICARPO, *Discurso no encerramento das Jornadas do Clero 2002*, in *A oração na vida e no ministério do sacerdote*, Paulinas, 2004, p. 267.

da paróquia. A Santíssima Eucaristia é custodiada com amor no tabernáculo “como o coração espiritual da comunidade religiosa e paroquial”. “Sem o culto eucarístico, como o seu coração pulsante, a paróquia torna-se árida”. “Se quiserdes que **os fiéis rezem de bom grado e com piedade**, dizia Pio XII, ao clero de Roma **precedei-os na igreja com o exemplo, rezando diante deles. Um sacerdote ajoelhado diante do tabernáculo**, em atitude digna, em recolhimento profundo, é um modelo de edificação, uma advertência e *um convite à emulação orante para o povo*”<sup>163</sup>.

## 10. A oração a Maria “Mãe dos sacerdotes”

O Seminário há-de ser uma «escola de amor filial» a Nossa Senhora e a «oração à Santíssima Virgem» há-de constar do programa de vida do Seminário.

«É preciso que **o Seminário seja uma escola de amor filial** para com aquela que é a “*Mãe de Jesus*” e que nos foi dada por Cristo como Mãe sem que isto signifique ajuntar uma nota de piedade sensível na formação espiritual do Seminário. Ora o gosto da **oração à Santíssima Virgem**, a confiança na sua intercessão e os sólidos hábitos neste campo fazem parte integral do programa do Seminário. (...) Não se teria exposto aquilo que é exigido pelas circunstâncias actuais no campo da formação espiritual, se não se recordasse, ao menos brevemente, mas com firmeza, **o que deve ser no Seminário a devoção à Santíssima Virgem Maria**»<sup>164</sup>.

Os sacerdotes, instrumentos da salvação, devem tomar consciência da proximidade de Maria e da sua presença operante nas suas vidas.

«Em Maria, Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, o sacerdote toma consciência de ser com Ela, “instrumento de comunicação salvífica entre Deus e os homens”, ainda que de modo diverso: a Santa Virgem, mediante a Encarnação, o sacerdote, mediante os

<sup>163</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, n. 21.

<sup>164</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Carta circular sobre alguns aspectos mais urgentes da formação espiritual nos Seminários (6/1/1980)*, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, pp. 236. 248. «A Congregação para a Educação Católica pretende chamar a atenção dum modo especial os Educadores dos Seminários da necessidade de suscitar uma autêntica piedade mariana nos seminaristas, isto é, naqueles que serão um dia os principais responsáveis da pastoral da Igreja» (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*, n. 33, in: Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, *Padres para este tempo*, Porto, 1992, p. 400).



poderes da Ordem. A relação do sacerdote com Maria não é só necessidade de protecção e de ajuda; trata-se, antes, de uma tomada de consciência de um dado objectivo: “a proximidade de Nossa Senhora” como “presença operante, juntamente com a qual a Igreja quer viver o mistério de Cristo”<sup>165</sup>.

Maria, Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote, ajuda os sacerdotes na compreensão do mistério sacerdotal de Cristo, introduz-los no mistério do seu sacrifício redentor, alcança-lhes as graças necessárias para participarem na obra da salvação do mundo.

«Na compreensão deste ministério vem em nossa ajuda a Virgem Santíssima, associada ao Redentor, pois “quando celebramos a Santa Missa, no meio de nós encontra-se a Mãe do Filho de Deus, e introduz-nos no mistério da sua Oferenda de Redenção. Desta forma, Ela torna-se mediadora das graças que, para a Igreja e para todos os fiéis brotam desta mesma Oferenda”. Com efeito, “Maria esteve associada, de modo singular, ao sacrifício sacerdotal de Cristo, compartilhando a Sua vontade de salvar o mundo mediante a Cruz. Ela foi a primeira e mais perfeita participante espiritual da Sua oblação de *Sacerdos et Hostia*. Como tal, pode obter e dar, àqueles que no plano ministerial participam no sacerdócio do seu Filho, a graça do impulso para responderem cada vez melhor às exigências da oblação espiritual, que o sacerdócio comporta: de modo particular, a graça da fé, da esperança e da perseverança nas provas, reconhecidas como estímulos a uma participação mais generosa na oferta redentora”<sup>166</sup>.

A oração dos sacerdotes a Nossa Senhora, a «Virgem sacerdotal», é uma maneira de a «receberem em sua casa», de acolherem a «Mãe dos sacerdotes» nos seus corações.

«É preciso que cada um de nós “a receba em sua casa”. Assim como o Apóstolo João a recebeu no Gólgota, assim cada um de nós permita que Maria ocupe um lugar “na casa” do próprio sacerdócio sacramental, como mãe e mediadora, daquele “grande mistério” (Ef 5, 22), que todos desejamos servir com a nossa vida. (...) Falando do alto da Cruz no Gólgota, Cristo disse ao discípulo: “Eis a tua Mãe”. E o discípulo “recebeu-a em sua casa” como Mãe. *Introduzamos também nós a Maria como Mãe na “casa” interior do nosso sacerdócio*»<sup>167</sup>.

<sup>165</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, n. 8.

<sup>166</sup> *IBIDEM*, n. 13.

<sup>167</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1988*, nn. 4. 6.

Deste modo, poderão viver o seu sacerdócio em união com a «Serva do Senhor», a qual, «guardará no seu coração» os sacerdotes e dará ao seu ministério uma fecundidade universal.

«Se o sacerdócio é, por sua natureza, ministerial, importa vivê-lo em união *com a Mãe, que é a serva do Senhor*. Então, o nosso sacerdócio será guardado nas suas mãos, melhor no seu coração, e poderemos alargá-lo a todos. Tornar-se-á, assim, fecundo e salvífico, em todas as suas dimensões»<sup>168</sup>.

A «estrela do Mar» é, no dizer do Concílio Vaticano II, «o sinal da esperança segura e de consolação para o Povo de Deus peregrino» (LG 68). Todavia, a «Mãe da esperança» há-de guiar o caminho dos sacerdotes para o reino de Deus.

«Com um hino do século VIII/IX, portanto com mais de mil anos, a Igreja saúda Maria, a Mãe de Deus, como “estrela do mar”: *Ave maris stella*. (...) E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança? (...). Vós permanecéis no meio dos discípulos como a sua Mãe, como Mãe da esperança. Santa Maria, Mãe de Deus, Mãe nossa, ensinai-nos a crer, esperar e amar convosco. Indicai-nos o caminho para o seu reino! Estrela do mar, brilhai sobre nós e guiai-nos no nosso caminho!»<sup>169</sup>.

O serviço pastoral do sacerdote relaciona-se intimamente com o serviço de Cristo, de Maria e da Igreja. Os sacerdotes, no exercício do seu ministério, devem recorrer na oração ao serviço (s) de Maria.

«É indiscutível que o ministério sacerdotal possui uma especial proximidade a Maria. (...) O serviço do sacerdote encontra-se inteiramente dentro do horizonte de Maria e da Igreja. (...) Só com orientação para uma “fecundidade mariana” (H. U. von Balthasar) tem supremo sentido e importância a actividade ministerial. O ministério sacerdotal e Maria encontram-se em estreita relação, a qual – embora de maneira respectivamente distinta – pode e deve expressar-se na oração e noutros actos espirituais»<sup>170</sup>.

No final da sua Exortação, João Paulo II, depois de dirigir o olhar à multidão de aspirantes, de seminaristas e de sacerdotes, e de agradecer a sua fidelidade e serviço, de pedir a graça de que cada um renove cada dia

<sup>168</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1995*, n. 8.

<sup>169</sup> BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, nn. 49-50.

<sup>170</sup> GIBBERT GRESHAKE, *o. c.*, p. 448.

o dom de Deus recebido pela imposição das mãos (1 Tm 1, 6), a graça de sentir o amor de Jesus e dos irmãos, de ver crescer o rebanho, de confiar na fidelidade de Deus, dirige-se, com todos e cada um, **em oração a Maria, mãe e educadora do nosso sacerdócio.**

«Cada aspecto da formação sacerdotal pode ser referido a Maria como à pessoa humana que correspondeu, mais do que qualquer outra, à vocação de Deus, que Se fez serva e discípula da Palavra até conceber no Seu coração e na Sua carne o Verbo feito homem para dá-Lo à humanidade, que foi chamada à educação do único e eterno Sacerdote que Se fez dócil e submisso à Sua autoridade materna. Com o seu exemplo e a Sua intercessão, a Virgem Santíssima continua a estar atenta ao desenvolvimento das vocações e da vida sacerdotal na Igreja. Por isso, nós sacerdotes somos chamados a crescer numa sólida e terna devoção à Virgem Maria, testemunhando-a pela imitação das Suas virtudes e a **oração frequente**»<sup>171</sup>. Rezemos, ainda com João Paulo II, a oração a Maria Mãe dos sacerdotes.

Maria,  
Mãe de Jesus Cristo e *Mãe dos sacerdotes*  
recebei este preito que nós Vos tributamos  
para celebrar a Vossa maternidade  
*e contemplar junto de Vós o sacerdócio*  
*do Vosso Filho e dos Vossos filhos,*  
ó Santa Mãe de Deus.

Mãe de Cristo,  
ao Messias sacerdote deste o corpo de carne  
para a unção do Espírito Santo  
e salvação dos pobres e contritos de coração  
*guardai no vosso Coração*  
*e na Igreja os sacerdotes,*  
ó mãe do Salvador.

<sup>171</sup> JOÃO PAULO II, *PDV*, n. 82. Rezar também a *Oração a Maria Santíssima*, Estrela da nova Evangelização (Cf. *Presbítero...*, Conclusão, p. 62), ou ainda, *A Oração do Pároco a Maria Santíssima* (Cf. *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, pp. 61-63).

Mãe da fé,  
acompanhastes ao templo o Filho do Homem,  
cumprimento das promessas feitas aos nossos Pais;  
*entregai ao Pai*, para Sua glória,  
*os sacerdotes do Vosso Filho*,  
ó Arca da Aliança.

Mãe da Igreja,  
entre os discípulos no Cenáculo  
suplicastes o Espírito  
para o Povo novo e os seus Pastores;  
*alcançai para a ordem dos presbíteros*  
*a plenitude dos dons*,  
ó Rainha dos Apóstolos.

Mãe de Jesus Cristo,  
estivestes com Ele nos inícios  
da Sua vida e da Sua missão;  
Mestre O procurastes entre a multidão,  
assististe-l'O levantado da terra,  
consumado para o sacrifício único e eterno,  
e tivestes perto João, Vosso filho;  
*acolhei* desde o princípio os chamados,  
*protegei* o seu crescimento,  
*acompanhai* na vida e no ministério  
os Vossos filhos,  
*ó Mãe dos sacerdotes*.  
Amen!

Jesus, no testamento da Cruz, entregou a sua Mãe aos sacerdotes, confiou-a a cada um deles, como mãe e formadora do seu sacerdócio. Hão-de contemplar, como filhos, a sua Mãe e imitar as suas virtudes.

«A espiritualidade sacerdotal não pode dizer-se completa se não toma seriamente em consideração o testamento de Cristo crucificado, que quis entregar a Mãe ao discípulo predilecto e, mediante ele, a todos os sacerdotes chamados a continuar a sua obra de redenção. Como a João aos pés da Cruz, assim **a cada presbítero é confiada**, de modo especial, **Maria como mãe** (Jo 19, 26-27). Os sacerdotes devem acolher Maria como mãe na sua própria vida, fazendo d'Ela objecto de contínua atenção e oração...

Todo o presbítero sabe que Maria, porque mãe, é também a mais eminente **formadora** do seu sacerdócio, uma vez que é Ela que sabe modelar o seu coração sacerdotal, protegê-lo dos perigos, dos cansaços, dos desencorajamentos, e vigiar, com materna solicitude, para que ele possa crescer em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2, 40). Mas não se pode ser filho devoto se não se souber **imitar as virtudes da Mãe**. Portanto, para ser ministro humilde, obediente, casto e para testemunhar a caridade na doação total ao Senhor e à Igreja, o presbítero deve contemplar a figura de Maria»<sup>172</sup>.

Neste sentido da maternidade espiritual, a Santa Mãe de Deus é imprescindível na vida e ministério dos sacerdotes. A vida e o ministério sacerdotal devem entregar-se nas mãos de Maria Santíssima. Aos pés da Cruz, contemplemos com ela o Amor infinito de Deus manifestado em Cristo.

«Fundamento imprescindível de toda a vida sacerdotal, permanece a Santa Mãe de Deus. A relação com ela não pode limitar-se a uma prática devocional piedosa mas deve ser alimentada pela entrega contínua, nos braços da sempre Virgem, de toda a nossa vida, do nosso ministério na sua totalidade. Maria Santíssima reconduz de novo também a nós, como a João, aos pés da Cruz do Seu Filho e nosso Senhor, para contemplar, com ela, o Amor infinito de Deus. (...) O Papa São Pio X afirmava: “Cada vocação sacerdotal vem do coração de Deus, mas passa através do coração de uma mãe”. Isto é verdadeiro em relação à evidente maternidade biológica mas também em relação ao «parto» de cada fidelidade à Vocação de Cristo. Não podemos prescindir de uma maternidade espiritual para a nossa vida sacerdotal: recomendamos-nos confiantes à oração de toda a Santa Mãe Igreja, à maternidade do Povo, do qual somos os pastores, mas ao qual está também confiada a nossa guarda e santidade; peçamos este apoio fundamental»<sup>173</sup>.

Os sacerdotes, vivendo em comunhão profunda com a Rainha dos Apóstolos, podem beneficiar, no seu ministério, da ajuda da Mãe de Deus, que os guia para Jesus, o Sacerdote e a Vítima oferecida ao Pai pela nossa salvação.

<sup>172</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório...*, n. 68.

<sup>173</sup> CARDEAL CLÁUDIO HUMMES, *Carta para a Jornada de Oração pela Santificação dos Sacerdotes* (22 de Abril de 2008).

«Cada sacerdote, no exercício do seu “múnus” pastoral diário, possa gozar da ajuda maternal da Rainha dos Apóstolos e saiba **viver em comunhão profunda com Ela**. Com efeito, no sacerdócio ministerial, “há a dimensão estupenda e penetrante da proximidade à Mãe de Cristo”. “É consolador ter a consciência de que “... ao nosso lado está a Mãe do Redentor, que nos introduz no mistério da oferta redentora do seu Filho divino. “Ad Iesum per Mariam”: seja este o nosso programa diário de vida espiritual e pastoral”»<sup>174</sup>.

É de louvar, e assim terminamos a nossa aventura e longa apresentação deste estudo sobre *A oração no contexto da Exortação Apostólica Pastores dabo vobis*, de João Paulo II, que o Papa Bento XVI tenha entregue o «Ano Sacerdotal» ao amor e amparo da «Virgem Sacerdotal».

«À Virgem Santíssima entrego este Ano Sacerdotal, pedindo-Lhe para suscitar no ânimo de cada presbítero um generoso relançamento daqueles ideais de total doação a Cristo e à Igreja que inspiraram o pensamento e a acção do Santo Cura d’Ars. Com a sua fervorosa vida de oração e o seu amor apaixonado a Jesus crucificado, João Maria Vianney alimentou a sua quotidiana doação sem reservas a Deus e à Igreja. Possa o seu exemplo suscitar nos sacerdotes aquele testemunho de unidade com o Bispo, entre eles próprios e com os leigos que é tão necessário hoje, como o foi sempre»<sup>175</sup>.

<sup>174</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial*, n. 30.

<sup>175</sup> BENTO XVI, *Carta aos Sacerdotes por ocasião do Ano Sacerdotal (16/06/2009)*.

# UM OLHAR SOBRE A CARTA AOS FILIPENSES

BERNARDO DOMINGUES

## I INTRODUÇÃO

1. A cidade de «Filipos», cidade de primeira categoria do distrito da Macedónia (Act. 16,12), é antiga, próspera e também importante sob o ponto de vista estratégico. Fundada pelos habitantes da ilha de «Tarsos», situada na Trácia, perto da Macedónia e do mar Egeu, tinha o nome de «Krenidas», ou seja, «Fontes», devido à quantidade de nascentes. Construída numa colina era fortificada e controlava o caminho entre a Grécia e a Trácia.

Além da quantidade de água e próspera agricultura, dispunha de minas de ouro e prata, o que favorecia o comércio.

2. Em 356 a.C. foi conquistada por Filipe II, pai de Alexandre Magno e agregada à Macedónia. Foi uma oportunidade para novas construções, desenvolvimento cultural, político e militar. Por tudo isso passou a chamar-se «Filipos», com a marca de importante centro mineiro e desenvolvimento comercial.

3. Em 68 a.C. foi conquistada pelos Romanos, sendo integrada no império segundo as respectivas leis e orientação política e militar. Para segurança, devido à sua importância, foi instalada uma guarnição militar com o novo nome «Colónia Agripina Júlia Filipense». Pelo poder militar romano agregou a Trácia, a Macedónia e a Grécia. Actualmente Filipos tem apenas 3 000 habitantes, sendo visitada pelo interesse das ruínas.

## II A EVANGELIZAÇÃO E CONTEXTO

1. Por volta do ano 53 chega o Evangelho a Filipos e portanto à Europa. Nos Actos dos Apóstolos há um relatório bastante circunstanciado (cf. Act. 16,11-40). A cristianização da Europa parece ter começado modestamente. Paulo teria «sentido» um apelo dos gentios da Macedónia (cf. Act. 16,9) e partiu acompanhado de Lucas, Silas e Timóteo, uma equipa de respeito.

2. Os judeus eram pouco numerosos, pelo que não dispunham de Sinagogas; reuniam-se ao sábado perto de um curso de água, fora dos muros da cidade. Foi aí que encontraram um grupo de mulheres, judias e pagãs simpatizantes, em oração.

Paulo com os companheiros iniciaram a Evangelização e com grande sucesso; nesse grupo havia filipenses, judias e romanas. Desde a primeira hora a comunidade desenvolve-se sob a liderança duma rica comerciante de tecidos de luxo de nome Lídia. Paulo aceitou, contra o seu próprio costume, hospedar-se em sua casa. Entretanto entre as novas cristãs deve ter havido algum desentendimento (cf. Fil. 4,2); refere-se a Evódia e Síntica, mas a comunidade desenvolveu-se e tornou-se famosa pela generosidade e o dinamismo solidário. De facto a proprietária Lídia, natural de Tiatira, não só foi baptizada por Paulo, como se tornou líder em generosidade no ministério. E o elogio é amplo e expresso (cf. Filp. 4,16).

3. Entretanto desencadeou-se uma perseguição contra os evangelizadores que tiveram de se retirar talvez para Éfeso, antes que a vida se complicasse ainda mais (cf. Fil. 3,2). Efectivamente esteve aí preso. Em 58 Paulo voltou a Filipos, provavelmente a partir da libertação em Éfeso. E foi agradecer e confirmar na fé e na generosidade a simpática comunidade. Entre as duas visitas recebeu ofertas dos amados filipenses por intermédio do mensageiro e missionário Epafrodito. Estas ofertas estão registadas, agradecidas e louvadas (cf. Act. 19,8-10; Fil. 4,15; 2Cor. 11,7-9);

E deveria ter visitado outras comunidades da Macedónia durante essa missão apostólica. E Paulo confessa que se sentia feliz com a comunidade exemplar de Filipos pelo acolhimento e pela generosidade. Parece que teria feito uma terceira visita, em 59, a partir de Corinto (cf. Act. 16,12; Fil. 1,1; 2,12; 4,3). Pelo menos é a opinião de alguns estudiosos de S. Paulo.



### III ALGUNS ASPECTOS CARACTERÍSTICOS DA CARTA AOS FILIPENSES escrita em 63 ou 64

1. É escrita no cativo, perto do Pretório, o que sugere que terá sido na prisão em Roma (cf. Act. 16,11 sg.; Fil. 1,13; 4,15; 2Cor. 11,8-9). A carta foi enviada por intermédio de Epafrodito que fora visitar Paulo na prisão e levar-lhe as ofertas dos filipenses. Entretanto demorou-se mais do que o previsto porque ficara doente. Recuperado regressa a Filipos com uma carta de agradecimento e recomendando a Esperança a cultivar, a exemplo de Paulo prisioneiro, insistindo que a alegria é possível mesmo no sofrimento. Ora ele esteve preso em Éfeso, Cesareia e Roma. E também sofreu em Filipos por parte dos judeizantes (cf. Fil. 3,2).

2. Há quem sugira que o texto actual resultaria da compilação de eventuais três breves cartas. O que é explícito neste texto paulino, escrito na prisão (como outros – Efésios, Colossenses e Filémon) é a insistência no Evangelho, na alegria, no afecto e as atitudes de gratidão e a Esperança a cultivar e a testemunhar.

A estrutura do texto consta de: introdução: 1,1-11; prisão de Paulo: 1,12-26; deveres da comunidade: 1,27 e 2,18; a explícita solicitude pela comunidade: 2,19; 3,1 (= 2,19 a 3,1); Paulo apresenta-se como referência modelar para todos: 3,2 a 4,1 e tudo isto a exemplo de Cristo: 2,5-11 que é absoluto modelo e salvador; a conclusão da carta: 4, 2-23, a vida consiste em viver na alegria em todas as circunstâncias da vida, sempre com optimismo ou atitude positiva permanente.

3. Consta que, em Filipos, Paulo também sofreu açoites e injúrias assim como Silas (cf. 1Tes. 2,2 e Fil. 3,2 e 18), por pessoas que são classificadas de “maus trabalhadores”, “falsos circuncisos” e ainda de “inimigos da cruz de Cristo”. Provavelmente a crise foi provocada por Paulo ter curado a “escrava adivinha” que com essas habilidades ganhava dinheiro para os seus exploradores (cf 1Tes. 2,2; Fil. 3, 2 e 18). Paulo não valoriza essas dificuldades e desafia a comunidade de Corinto a imitar a qualidade e generosidade dos crentes operativos da Macedónia, que inclui Filipos (cf. 2Cor. 8, 1-6, 9,2-4 e 11,9). Elogia insistentemente a comunidade diversificada de Filipos que assume objectivamente o conteúdo do Evangelho.

4. Prevalece o estilo familiar e de intimidade sem as habituais preocupações teológicas referentes ao dogma, à moral e à qualidade de vida familiar e social. Parece que havia concórdia e solidariedade. O sentido da prisão é interpretado a partir do assumido exemplo de Cristo encarnado, pobre, preso, condenado injustamente, crucificado e sepultado. A humilhante morte de Cristo liberta-nos e estimula-nos a segui-l'O sem desânimo. E está muito satisfeito pela vida exemplar da comunidade dos Filipenses a quem chama a sua alegria e coroa (cf. Fil. 14,1 e Act. 16). Nesta dinâmica sobressai a função congregadora e liderante da modelar cristã Lídia e a respectiva família. Esta função de próspera mulher de negócio e de cristã inteligente e diligente revela a qualidade da Igreja local.

5. É notável a estrutura do hino cristológico que deve ser assumido pelos cristãos. Deve ler-se o texto da carta Fil. 2,5-11 e as respectivas consequências práticas para os crentes coerentes. De facto «rebaixou-se... até à morte de cruz» (cf. Fil. 2,8) o que é o extremo da condição de escravo e morte, sendo absolutamente inocente.

A morte de cruz era a pena máxima para os romanos e sinal de maldição de Deus para os judeus, mas que se tornou sinal «da força de Deus» segundo a perspectiva de Paulo (cf. 1Cor. 1,18). Paulo, preso, vê isso como sinal de participação no mistério pascal que desabrocha em Ressurreição e suprema glorificação (cf. Fil. 2,10-11).

6. O hino envolve o humano e o divino, a pré-história, a história e a meta-história, o Deus de sempre: criador, incarnado, sofredor e glorificado para integrar a humanidade na eternidade feliz. O décimo terceiro apóstolo percebeu e realizou o mistério da encarnação concluído no mistério pascal (cf. Fil. 2,11). Paulo ensina que Cristo é o modelo dos cristãos e que ele procura seguir com persistência e alegre coragem.

7. Com agradecimento e confirmação no bem, exorta os filipenses e a todos os cristãos a superar o egoísmo, a fazer renúncias e a desenvolver a vida comunitária fraterna e em renovação (cf. Fil. 2,5-11). É essencial a virtude da humildade e a coragem de bem servir, de cuidar de quem precisa. Assim se inscrevem os nomes no livro da vida (cf. Fil. 4,3).



